



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Integração Curricular - do conceito à prática colaborativa em sala de aula

Catarina dos Santos Pires

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Rosa Nogueira

Almada, 2020



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Relatório final de prática de ensino supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Rosa Nogueira

Discente: Catarina Pires

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam pouco de si, levam um pouco de nós.

(Antoine de Saint-Exupéry)

Agradecimentos

Neste percurso subsistiram muitas pedras. Umas mais fáceis de atravessar. Outras que só com persistência, dedicação e muito esforço é que me fizeram chegar até aqui.

É um resultado de um trabalho árduo, de colaboração e parceria entre pessoas que deram significado a todo este caminho. A elas, a minha sincera gratidão.

Às minhas “crianças”, que por vezes não me conseguia dedicar da mesma forma, por estar mais cansada e sempre me acarinham com tudo o que tinham.

À Professora Doutora Rosa Nogueira, uma das pessoas que me acompanhou e por vezes da forma mais rígida, para me abrir os olhos e não estar lá por estar, mas sim para me orientar e enriquecer-me de aprendizagens. O seu coração é gigante e não desiste em quem acredita. Levo um crescimento imenso, pois fez-me ver realidades que desconhecia. Foram meses muito difíceis, só nós sabemos, mas nunca me deixou desistir e nunca duvidou das minhas capacidades. Hoje vejo que toda a exigência e esforço valeu a pena. Que seja apenas um até já.

À Fernanda, uma mulher rica em aprendizagens e que me fez crescer tanto. As horas que perdeu a mostrar-me documentos, livros, artigos e inúmeros matérias que tinha e a fazer comentários que se tornaram uma mais valia neste trabalho. E quando tudo desabava nunca me deixou desistir.

À Sofia, que ao longo deste percurso foi mostrando-me que a vida é mais grata, quando agradecemos todos os dias as pequenas coisas que acontecem. Ensinou-me existências deste mundo desconhecido: a ser calma e tranquila. A ver a vida com outros olhos. Contudo, ensinou-me a confiar na vida!

À São, a força e coragem que me transmitiu e que caminha comigo na vida. Basta apenas confiar e tudo será melhor. Uma simplicidade absurda e apaixonante.

Aos meus pais, que presenciaram todos os meus sorrisos, lágrimas, desafios e mudanças que aconteceram e que estiveram sempre lá. O ombro deles foi o meu conforto nestes anos. Sem eles não sou certamente o que sou hoje. Ao meu irmão, pelo corajoso e forte que é na vida e dá o exemplo que a vida é para se aproveitar.

Aos meus avós. A sorte que tenho de os ter comigo. O apoio incondicional que me deram nos momentos bons e maus.

Aos meus amigos e família por acreditarem em mim e por compreenderem a minha ausência nos últimos tempos.

Ao Fábio, que me apoiou em tudo. Foi incansável, desviando-me todas as pedras que surgissem neste caminho, para conseguir seguir em frente e nunca parar de lutar pelo meu sonho. Tornou-me mais madura e a mulher que sou hoje.

A todos a maior gratidão por estarem na minha vida.

Resumo

O presente relatório final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico visou compreender e identificar como, em contexto de sala de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico, se constrói uma ação pedagógica diferenciada conducente à promoção de aprendizagens significativas. Este estudo foi realizado durante o estágio em 1º ciclo do Ensino Básico, de forma a validar a questão definida, foi utilizada a metodologia qualitativa, investigativa e interpretativa, assente em entrevistas de perguntas abertas. Realizou-se, assim, entrevista semiestruturada a cinco profissionais de educação: quatro professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e o coordenador de estabelecimento, com o propósito de obter respostas para a problemática.

Para uma aprendizagem acontecer ela deve ter significado, relacionando-se com vivências pessoais e experiências anteriores dos alunos. A integração curricular pretende compreender a conceção do currículo, procurando relações entre todos os caminhos, favorecendo a possibilidade de integrar as suas próprias experiências, demonstrando que os alunos devem ter um papel ativo nas atividades curriculares.

Esta investigação permitiu que adquirisse conhecimento, enquanto profissional de educação, no que diz respeito à integração curricular, de modo a que no meu futuro profissional, enquanto docente, potencie aprendizagens significativas, no respeito pela individualidade e singularidade de cada criança/aluno.

Palavras-chave: Educação; Integração Curricular; Aprendizagens Significativas e Trabalho Colaborativo.

Abstract

This final Master's Report on Pre-School Education and Teaching of Primary School aimed to understand and identify how, in the context of the classroom of the Primary School, a differentiated pedagogical action is conducive to the promotion of meaningful learning.

The study was carried out during the internship in Primary School. In order to validate the defined question; qualitative, investigative and interpretive methodologies were used, based on interviews with open questions. Thus, with the purpose of achieving an answer to the question, semi-structured interviews were carried out with five education professionals; four teachers from the Primary School and one establishment coordinator.

For learning to happen, it must have meaning, relating to the students' personal and previous experiences. The curricular integration aims to understand the design of the curriculum, looking for relationships between all paths, favouring the possibility of integrating their own experiences, demonstrating that students should have an active role in curricular activities.

The present investigation allowed me to acquire knowledge as an Education professional with regard to curricular integration, so that in my professional future as a teacher I am able to potentiate meaningful learning respecting the individuality and uniqueness of each child/student.

Keywords: Education; Curricular Integration; Meaningful Learning and Collaborative Work.

Índice

CATIVAR – Introdução	1
Capítulo I: A SEMEAR -Contextualização da prática profissional	7
1.1 - Em Estágio – uma Escola, uma Turma, um Projeto (Caracterização).....	8
1.2 - O Projeto Educativo.....	10
1.3 - Caracterização do contexto em que a unidade didática foi realizada	10
1.4 - A Sala do 1º ano.....	11
1.5 - O Grupo de 1º ano	12
1.6 - Desenvolvimento da Prática Supervisionada.....	14
Capítulo II: A CAMINHO - Fundamentação Teórica.....	17
2.1 - A Integração Curricular.....	17
2.2 - Aprendizagens Significativas	26
2.3 - Trabalho Colaborativo.....	32
Capítulo III: A PLANTAR - Metodologia	37
3.1 - Um Paradigma de Investigação	37
3.2 - Participantes no Estudo	40
3.3 - A Recolha de Dados	41
3.4 - Tratamento dos Dados Recolhidos.....	42
Capítulo IV – ACOLHER- Análise e Interpretação dos Dados	44
A CHEGAR - Considerações Finais	73
Referências Bibliográficas.....	80
Anexos.....	85

Índice de figuras

Figura 1 - Dimensões da integração curricular.....	18
Figura 2 - Rede para a Integração Curricular.....	20
Figura 3 – Cenários da Integração Curricular.....	23
Figura 4 – Dimensões da Integração Curricular.....	25
Anexos	85
Declaração de Autorização de depósito no Repositório Comum.....	86
Licença de distribuição não exclusiva.....	87

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Representação do sexo Masculino e Feminino.....	12
Gráfico 2 - Representação da distribuição das idades da turma.....	13
Anexos	85
Declaração de Autorização de depósito no Repositório Comum.....	86
Licença de distribuição não exclusiva.....	87

Índice de Quadros

Quadro I - Definição das abordagens disciplinares.....	22
Quadro II - Sujeito I.....	46
Quadro III - Sujeito II.....	48
Quadro IV- Sujeito III.....	51
Quadro V - Sujeito IV.....	54
Quadro VI - Sujeito V.....	56
Quadro VII - Convergências.....	59
Quadro VIII - Confluências Temáticas e Categorias Abertas.....	64
Quadro IX - Categorias Abertas e Confluências Temáticas.....	66
Anexos	85
Declaração de Autorização de depósito no Repositório Comum.....	86
Licença de distribuição não exclusiva.....	87

CATIVAR – Introdução

“Tu tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas”.
(Antoine de Saint-Exupéry)

Ao chegar ao fim do meu percurso académico, deparo-me com o quão importantes foram para mim, enquanto futura docente, todas as experiências vividas ao longo destes anos. Neste meu percurso houve tempo para observar, comunicar, pensar e estudar muito, mas principalmente, houve tempo de aprender a aprender e aprender a ensinar. É essa a génese desta minha caminhada. E foi o que mais valorizei de todos estes anos de dedicação. Aprendi vários modelos, maneiras, exemplos, métodos; aprendi e desenvolvi o meu próprio estilo de ensinar as crianças a serem construtoras das suas aprendizagens e desenvolver assim as suas capacidades e talentos. Apesar de fazer o que me apaixonava, não foi por isso que o caminho foi fácil, subsistiram muitas dificuldades e, também, muitos desafios. Com esforço e dedicação tracei sempre os meus objetivos para este caminhar para ser docente e é através deles que quero continuar a desenvolver as minhas competências naquilo que é a minha etapa final como estudante de Mestrado.

Fazendo uma reflexão crítica sobre todo o meu percurso, só consigo idealizar esta profissão para a minha vida, como uma profissão que vem de uma paixão desde a infância.

Tudo começou quando tinha 13 anos. Acompanhei de perto uma doença do meu irmão denominada: hidrocefalia “*Dandy-walker*”. Esta doença provocava uma enorme cefaleia persistente. Deparava-me constantemente a pensar sobre o que poderia fazer para ajudar o meu irmão, o que poderia fazer para ele ficar bem, como é que eu poderia estimulá-lo ou, até mesmo distraí-lo da sua dor. Sempre procurei saber os seus interesses, cedo percebi que os animais eram um deles e inventava jogos para tentar distraí-lo e as brincadeiras mais inusitadas; chamava todas as crianças ao nosso redor para o fazerem connosco, queria as crianças perto de mim e sempre adorei interagir com elas. Mal sabia eu que a minha preocupação com os

interesses dos outros e a maneira como estes podem influenciar a maneira como aprendemos poderia perdurar até aos dias de hoje a ponto de querer investigar a fundo estas questões.

Felizmente, com o passar dos anos, o meu irmão começou a aprender e a controlar mais as suas dores. Ainda me encho de orgulho ao saber que, numa idade precoce e face às dificuldades que o meu irmão sentiu, o pude ajudar, e que ainda utiliza algumas das estratégias que lhe ensinei e desenvolvi com ele em tão tenra idade, o que me leva a ter ainda mais a certeza de que as aprendizagens que adquirimos em crianças são significativas ao ponto de perdurarem por uma vida adulta.

A certa altura da minha vida, precisei de sair da rotina de casa e da escola, decidi aderir ao movimento escutista (CNE), outra das experiências marcantes deste meu percurso de vida. Nos escuteiros, beneficiei sempre do contacto com crianças e aprendi que realmente vale a pena ser bom, mas melhor ainda é fazer o bem. Desenvolvi a minha curiosidade, o espírito de entreatajuda, o companheirismo; tive oportunidades de liderar grupos de crianças e tê-las à minha responsabilidade e isso fez crescer em mim um sonho que, mais cedo ou mais tarde, tinha de realizar: juntar o melhor de todos os mundos - a minha curiosidade e uma enorme paixão por ensinar crianças –, ou seja, ajudar mais, aprender com elas e fazer as outras crianças felizes.

Ainda no meu 3º Ciclo, conheci uma pessoa extraordinária, que me vai marcar para sempre, a minha professora de História e Geografia de Portugal, que me ensinou de forma como nunca nenhum professor o tinha feito. A sua simplicidade ao falar de história, os trabalhos incríveis que fazíamos, fizeram-me crescer e lutar contra algumas lacunas existentes que então acabei por perceber que tinha, mas que não consegui ultrapassar por completo, por estar a passar uma fase difícil da minha vida. O estado de saúde do meu irmão tinha-se deteriorado e os meus pais tinham de lhe dar auxílio no hospital, passando lá a maior parte do tempo.

Numa conversa informal com a professora que referi e a quem admirava, tornando-se o meu suporte na escola, esta disse-me: porque é que não fazes um curso profissional? A resposta foi fácil, a área que me fascinava era a educação. Então, no 9º ano, decidi tirar o curso profissional de técnico de auxiliar de ação educativa na Escola Daniel Sampaio. Quando o acabei, pensei logo fazer o secundário no mesmo registo; então fiz um Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância, na Escola Superior de Educação Infantil Maria Ulrich - ESEIMU,

onde aprendi coisas incríveis. Não fiquei por ali e fui mais além, entrei no Instituto Jean Piaget, na Licenciatura em Educação.

Quando ingressei na vida acadêmica, sabia que iria enfrentar um desafio, o de ser trabalhadora-estudante e, hoje, em reflexão, constato que afinal nunca foi sacrifício algum pois faço o que gosto e consigo conjugar o meu trabalho com os estudos na mesma área, e que até acaba por um complementar o outro, dando-me mais oportunidades de desenvolvimento pessoal e inter-relacional. Não há nada mais gratificante do que o contato diário com as crianças. Embora não tenham sido anos fáceis, foram anos com muita dedicação, ambição e consegui terminar a minha Licenciatura.

No Mestrado, identifiquei-me com a Educação Pré-Escolar e Ensino de 1º Ciclo. Nunca tive dúvidas no Mestrado em Pré-Escolar, sempre achei que fosse certo para mim, mas quando me foi proposto o 1º Ciclo devo confessar que hesitei por ter imensas incertezas quanto a esta componente.

Felizmente, em conversa com diversas pessoas do meio fizeram-me ver e pensar na quantidade de experiências incríveis que poderiam estar no meu caminho. O certo é que, quando realizei o último estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico as incertezas acabaram e nasceu uma paixão enorme. Posso dizer que, neste momento do meu percurso profissional, maior é o sonho de ser professora do que o sonho de ser educadora. “Ser professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e consciencializar-me do lugar que ocupo na sociedade” (Alarcão, 1996, p. 177). Ser professor é ter a capacidade de ser um observador e um mediador, pois as crianças precisam de explorar, descobrir as aprendizagens para o seu crescimento. É importante entender que as crianças têm aprendizagens mais significativas e espontâneas se lhes proporcionarmos momentos tranquilos e de confiança. Deste modo, atendendo as necessidades da criança, o professor é quem trata com afeto, orienta e tranquiliza, pois é a pessoa em quem a criança confia.

O estágio realizou-se numa escola que pertence à rede pública, situada na Charneca da Caparica. É constituída por 4 salas de Pré-escolar e 8 salas de 1º Ciclo, em horário duplo, pelo fato da escola estar sobrelotada (8 turmas da parte da manhã e 8 turmas no horário da tarde). A escola oferece Atividades de Animação de Apoio à Família/Componente de Apoio à Família e atividades de enriquecimento curricular (AEC).

Estando a trabalhar numa sala de Pré-escolar, foi uma necessidade ser colocada a estagiar numa turma de 1º ano do Ensino Básico, no horário da manhã - das 8h às 13h.

A turma era constituída por 24 crianças, 14 rapazes e 10 raparigas com idades dos 6 aos 7 anos. Entre eles contava-se um aluno com Necessidades Educativas Especiais, diagnosticado com Perturbação do Espectro do Autismo e, por esse motivo, acompanhado por professores especializados, fora da sala de aula. O grupo em geral mostrou-se interessado, com vontade de aprender e muito curioso. A concentração por parte de alguns alunos revelou-se difícil, mas ao longo do ano letivo foi melhorando. Sabiam respeitar os outros, cumpriam as regras, e demonstravam ser um grupo bastante equilibrado, havendo duas crianças que se destacavam com muitas dificuldades na aprendizagem. As aulas eram dinâmicas e a professora tentava não usar sempre o manual e usar as suas próprias fichas.

O ambiente da sala de aula é muito mais do que um lugar para armazenar livros, mesas e materiais. Cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa do estudante, atraindo o seu interesse, oferecendo informação, estimulando o emprego de destrezas, comunicando limites e expectativas, facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação e apoiando e fortalecendo através destes efeitos o desejo de aprender. (Forneiro, 2005, p.237)

A professora utilizava as TIC, não só como área curricular, mas sobretudo como recurso facilitador para aprendizagem porque permite uma interação e uma monitorização mais fácil, porquanto, a utilização do computador apresenta-se como uma estratégia mais aliciante para os alunos. Estes momentos permitiam, de igual modo, o incremento positivo da relação pedagógica, da securização das aprendizagens, que era patente na turma.

Ao longo do meu estágio surgiu a necessidade de integrar vários conteúdos num todo, fazendo assim contribuir as aulas através das experiências pessoais e sociais das crianças.

Efetuei alguma pesquisa sobre esta área da interdisciplinaridade, tornando-se assim um desafio conhecer e perceber mais sobre a questão da Integração Curricular, pelo facto de ser importante a articulação de saberes das diversas áreas disciplinares e uma mais valia partir das experiências e dos interesses das crianças para uma abordagem integradora.

Beane (2003), denominou por

Aprendizagem integradora o envolvimento de experiências que literalmente se tornam parte de nós próprios – experiências de aprendizagem inesquecíveis. Tal aprendizagem implica a integração em dois modos: um primeiro, à medida que as novas experiências são “integradas” no nosso esquema de significação e, um segundo, à medida que organizamos ou “integramos” experiências passadas de modo a ajudar-nos a enfrentar novas situações problemáticas. Decerto, e pelo que diz respeito a esta teoria, a questão crucial reside no modo como se organizam as experiências curriculares e o conhecimento nelas implícito, de tal modo que os jovens possam mais facilmente integrá-lo nos seus próprios esquemas de significação e com eles progredirem. (p.95)

Tendo em conta esta experiência, o estudo desenvolvido visou *compreender e identificar como, em contexto de sala de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico, se constrói uma ação pedagógica diferenciada conducente à promoção de aprendizagens significativas*, partindo de duas questões orientadoras:

- 1- Como a integração curricular pode favorecer as aprendizagens significativas?
- 2- Como o trabalho colaborativo contribui para uma melhor integração destas aprendizagens?

Assim sendo, foi através da observação que emergiu a problemática investigada, partindo de um pressuposto empírico decorrente das preocupações manifestadas pelos docentes do grupo de trabalho onde estava inserida.

Ao longo do estudo recorri a autores de referência para dar resposta ao problema e às questões colocadas, tais como Aires (2011), que sustenta que integração curricular e interdisciplinaridade não são sinónimos, e procura definições para uma melhor compreensão da organização curricular na escola; Alonso (2002), que apresenta algumas propostas que podem contribuir para uma organização pedagógica e curricular, relativamente às aprendizagens e práticas em 1º Ciclo, com base no projeto PROCUR; Beane (2003), que defende que se deve utilizar a abordagem integradora, centrada em problemas e que o currículo por disciplinas deveria ser reflexo de uma abordagem integradora; Cury (2004), que refere a educação como

uma mudança e que se precisa de estimular crianças e professores precisam de ferramentas; Leite (2012), que refere a importância da articulação curricular nos processos de aprendizagem; Roldão (1999), que questiona por que se fala tanto da necessidade da evolução do conceito de currículo e das práticas de gestão curricular e que sentido têm as mudanças que se preconizam, que implicações têm essas mudanças no papel da administração, na organização das escolas, e nas práticas de trabalho dos professores.

Este Relatório Final obedece à seguinte organização:

Introdução – Tem o objetivo de descrever as minhas motivações para a opção profissional de futuro, e de contextualizar o meu percurso formativo, onde o estágio e as problemáticas que dele emergem são a reta final enquanto aluna, bem como o campo e objeto do estudo. Aqui se apresenta sumariamente a escola e a turma de estágio e apontam-se as questões a investigar, suscitadas pela experiência observada e vivida e por leituras de referência.

Capítulo I - apresentamos a caracterização do contexto, onde foi realizada a prática de ensino supervisionada, mais precisamente a descrição do percurso de estágio; no mesmo surge o tema e a problematização da questão de partida.

Capítulo II - encontra-se a revisão de toda a literatura consultada ao longo desta pesquisa, para melhor compreensão.

Capítulo III – apresenta-se a metodologia utilizada, bem como as técnicas de recolha e análise dos dados.

Capítulo IV - descreve a interpretação dos dados recolhidos, apoiada e fundamentada pelo referencial teórico. procurando responder ao problema levantado no início deste estudo.

Nas *Considerações Finais* destacamos a importância das conclusões a que chegamos, a sua implicação na nossa prática docente futura e outras linhas de pesquisa possíveis para complementar o tema.

Nas *Referências Bibliográficas* são anotados todos os artigos e obras consultadas.

Capítulo I: *A SEMEAR* -Contextualização da prática profissional

“(...) se for para semear então que seja para produzir milhões de sorrisos, de solidariedade e amizade”
(Antoine de Saint-Exupéry)

Um dos princípios gerais da Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 49/2005, de 30 de agosto estabelece no artigo 2º que todos os cidadãos têm o direito à educação e cultura existindo assim uma igualdade de oportunidades. Tem assim como objetivo do sistema educativo, formar cidadãos autónomos, solidários, livres e responsáveis, prontos a enfrentar os problemas que existem com espírito democrático e crítico, empenhando-se no desenvolvimento gradual.

A Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo (2004) define três grandes objetivos gerais que passam por:

- «Criar condições para o desenvolvimento harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social;
- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes;
- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática» (ME-DEB, 2004, p. 13).

Para que seja possível atingir o preconizado nestes objetivos, torna-se necessário que os alunos desenvolvam competências em diferentes áreas do saber-ser, do saber-estar e do saber-fazer.

Assim, no contexto a Educação Básica, Morgado & Martins (2008) referem,

que uma das tarefas mais importantes que hoje se consignam aos professores é a de conseguirem que os alunos desenvolvam capacidades autónomas de aprendizagem, preparando-os assim para uma aprendizagem ao longo da vida, um imperativo só exequível na base da integração de distintos campos de conhecimento e de experiências que lhes permitam uma compreensão mais profunda, mais reflexiva e mais crítica da realidade em que vivem. (p.2)

De forma a corrigir as necessidades exigidas pela sociedade, cabe ao docente estar em constante evolução e formação, melhorando a sua prática pedagógica.

Importa agora conhecer o contexto em que se desenrolou toda a prática educativa, nomeadamente as características do meio em que se insere a Escola; a caracterização da turma e da sala; o projeto educativo e a caracterização do contexto em que a unidade didática foi realizada.

1.1. *Em Estágio – uma Escola, uma Turma, um Projeto (Caracterização)*

O estudo realizado teve como campo de observação um grupo de 1ºCiclo do Ensino Básico, no período de 15 de outubro de 2018 a 31 de janeiro de 2019. O estágio foi sustentado pela Unidade Curricular de Prática Supervisionada.

A Escola onde realizei a prática profissional está situada no distrito de Setúbal, na Charneca da Caparica, uma das onze freguesias do Concelho de Almada. A freguesia da Caparica “nasceu” a 4 de outubro de 1985 e foi elevada á categoria de vila em 2 de Julho de 1993.

É a maior freguesia do Concelho de Almada, hoje conhecida pela sua enorme expansão urbanística, também, pelas suas condições naturais, a localização perto da Mata dos Medos e a proximidade às magníficas praias da Costa da Caparica, principalmente a Fonte da Telha. A maioria das crianças e suas famílias frequentam estas praias, pela grande proximidade das suas casas.

A Charneca de Caparica é uma zona desejável para viver, sossegada e com paisagens magníficas. A população, na sua maioria, trabalha fora da área habitacional. A zona habitacional, embora urbana, caracteriza-se pela existência massiva de núcleos de moradias.

A Charneca de Caparica possui um grande núcleo de associativismo, constituído por Associações e Instituições de Solidariedade Social, como, entre outras, o Clube Recreativo Charnequense; a Sociedade Recreativa do Bairro da Bela Vista; o grupo de Escuteiros do CNE e outro de Escoteiros da AEP; o Charneca da Caparica Futebol Clube. Muitas das crianças desta escola frequentam estes núcleos associativos.

A Escola tem duas valências educativas: Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. O edifício integra dois pisos, possuindo 12 salas para o 1º Ciclo e 4 salas de atividades para a educação Pré-escolar. Conta com uma biblioteca, sala polivalente, gabinetes de apoio, sala de professores e sala de pausa para o pessoal não docente, sala de primeiros socorros, gabinete de coordenação e refeitório.

O funcionamento do estabelecimento de ensino é garantido pelos elementos da direção pedagógica, corpo docente, (constituído por professores e educadores), assistentes operacionais e monitores de CAF/AAAF.

O horário de funcionamento é de regime duplo para o 1º Ciclo, com horário das 8h às 13h da parte da manhã e das 13h30 às 18h15 da parte da tarde, com exceção nas interrupções da atividade letiva. A educação Pré-escolar desenvolve a sua atividade entre as 9h e as 15h30. No prolongamento de horário da educação Pré-escolar desenvolvem-se as atividades de animação e de apoio à família (AAAF).

Na escola, para o 1º Ciclo, desenvolvem-se Atividades de Enriquecimento Curricular, as AEC, protocoladas com a associação de Pais e Encarregados e Educação, em áreas como o inglês, atividade física e desportiva e o ensino da música. Para completar esta oferta, é assegurada a ocupação dos tempos livres (CAF) e (AAAF), mais uma vez pelas Associações de Pais e Encarregados de Educação.

1.2. *O Projeto Educativo*

O estabelecimento de ensino pertence à rede pública e está integrado num Agrupamento de Escolas apresentando assim um Projeto Educativo (PE) integrado e transversal à diversidade da oferta educativa que caracteriza o Agrupamento.

O projeto educativo é um documento que oferece orientação educativa à escola, no qual explicitam a missão, a visão, os objetivos e estratégias segundo as quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa. O projeto educativo tem como tema “Educar para a autonomia intervenção e responsabilidade”, implementado desde 2016 até ao ano 2020.

O Agrupamento, no seu PE, desenvolve alguns objetivos que consubstanciam o meu estudo e que pode ser consultado no site do Agrupamento e apresenta os seguintes objetivos:

1. Desenvolver e aprofundar a pedagogia diferenciada como estratégia de redução do insucesso escolar;
2. Aprofundar e simplificar o trabalho colaborativo, de articulação entre disciplinas, com especial enfoque na equipa de trabalho do Conselho de Ano/Turma e na cooperação entre os alunos e com os pais/EE.

1.3. *Caracterização do contexto em que a unidade didática foi realizada*

A minha opção por desenvolver este estágio curricular numa turma de 1º ano teve por base dois fatores:

- a) através da perceção e observação das preocupações manifestadas pelos docentes do grupo de trabalho onde estava inserida emergiu a problemática investigada, partindo de um pressuposto empírico;
- b) pretender colocar em prática uma metodologia assente na integração curricular, numa turma onde, obrigatoriamente, integrará uma metodologia facilitadora da Articulação e Flexibilidade Curricular; esta obrigatoriedade decorre do novo quadro legislativo vigente,

mais propriamente o Decreto Lei nº55/20018 de 6 de julho, cuja prioridade é “a concretização de uma política educativa centrada nas pessoas que garanta a igualdade de acesso à escola pública, promovendo o sucesso educativo e, por essa via, a igualdade de oportunidades.

1.4. *A Sala do 1º ano*

O espaço é, segundo Zabalza (1998) “um lugar delimitado, que nos sugere algo palpável, “físico”” (p.230). A definição de espaço é referida como algo físico onde são transmitidos conhecimentos, valores e sobretudo aprendizagens.

Um dos fatores relevantes para a aquisição de conhecimento por parte dos alunos e para que se sintam interessados e motivados, é o ambiente da sala de aula. Para proporcionar uma aprendizagem mais ativa, a sala deverá ser um espaço com um ambiente rico e equilibrado, pois só assim se realizam aprendizagens com sentido. Rico em registos significativos e desafiantes, equilibrado na sua organização estética e promotora de reconhecimento e ação.

Estrela (1992) afirma que, “o espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (p.37).

O espaço de sala deve proporcionar um lugar de bem estar, um espaço pedagógico que deve ser construído por todo o grupo, tornando-o um espaço de segurança e um porto de abrigo que garanta alegrias e aprendizagens.

Ferrão Tavares (2000) afirma ser,

(...) importante refletir sobre a organização do espaço na sala de aula como meio de facilitar a interação. Faz ainda referência á diferença existente entre as escolas de nível inferior com as dos outros níveis, afirmando que à medida que se avança na escolaridade, os espaços deixam de ser dinâmicos para se tornarem fixos. (p.3)

Para favorecer a aprendizagem, a comunicação entre os alunos e a professora é evidente e sistemática e, consoante as necessidades dos alunos, a professora experimenta, várias formas de disposição das mesas (organização do espaço) de modo a facilitar a interação entre todos.

Como Arends (1995) defende, “os professores devem ser flexíveis e experimentar diferentes arranjos de carteiras” (p.95).

O professor tem como missão trabalhar a relação com/e entre os alunos para conseguir interações positivas no grupo; é de referir que o docente tem de agir de forma a motivar os alunos para a aprendizagem, provocando situações educativas conducentes à aprendizagem. A sala de aula, enquanto espaço de intencionalidade educativa deve potenciar e estimular o aluno para a sua aprendizagem e a apropriação desse espaço.

Os materiais e mobílias existentes estão bem conservados, não se encontrando em mau estado ou danificados, a sala dispõe também de muita iluminação natural, mas devido ao mau isolamento as salas no inverno são frias e húmidas e no verão muito quentes.

1.5. *O Grupo de 1º ano*

O grupo é constituído por vinte e quatro alunos, dos quais dez são raparigas e catorze são rapazes, com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos.

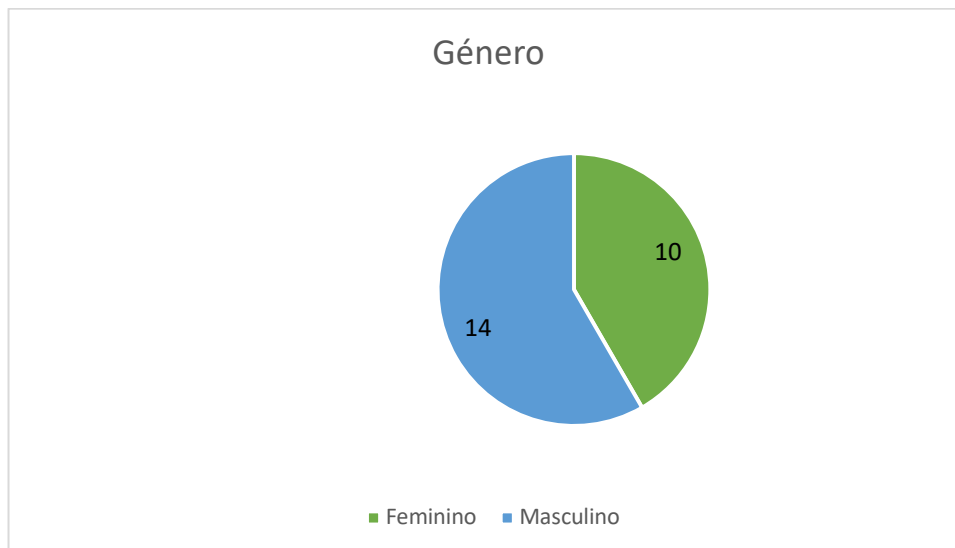


Gráfico 1 – Representação do sexo Masculino e Feminino

O grupo tem apenas 5 crianças nascidas em 2011 as restantes são nascidas 2012, correspondendo às características de desenvolvimento das suas faixas etárias.

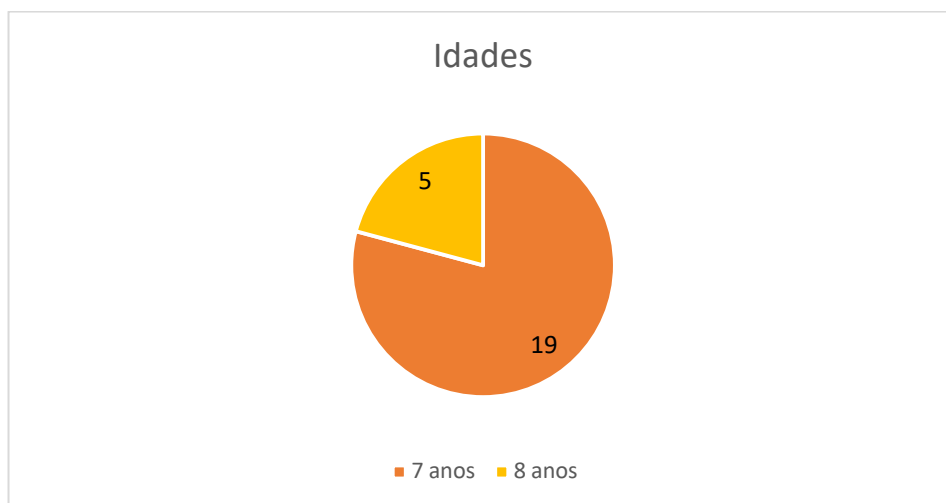


Gráfico 2 – Representação da distribuição das idades da turma

Este grupo é bastante curioso, dinâmico e gosta de se envolver em atividades de exploração. Sempre se revelou muito atento e comunicativo em todas as atividades propostas, com determinação de explorar, aprender e descobrir tudo a sua volta. A interação entre todos é visível, estabelecendo relações de entreajuda constante entre pares.

Em todas as atividades propostas o grupo sempre foi muito atento, participativo e com imensa vontade de aprender, querendo sempre mais e mais.

É também importante mencionar que na turma existe um aluno que beneficia de medidas seletivas de suporte à aprendizagem e à inclusão, no âmbito do Decreto-Lei nº54/2018 com “Perturbação da Comunicação Não Especificada” sujeito a medidas universais e seletivas de suporte à aprendizagem e à inclusão. Este aluno evidencia um grande comprometimento ao nível da linguagem expressiva, onde surge uma imensa dificuldade na articulação dos fonemas.

Tendo em conta o objetivo enquanto profissionais de educação, no desenvolvimento e aprendizagem, é o nosso dever estimular o desenvolvimento global de cada criança. O desenvolvimento da criança nesta idade, implica promover aprendizagens significativas diferenciadas para aprofundar todos os seus conhecimentos.

1.6. *Desenvolvimento da Prática Supervisionada*

“Um dos principais objetivos das intervenções durante o aprendizado em sala de aula é que todo o conhecimento científico deve ensinar a viver e deve traduzir-se num saber prático” (Santos, 2002, p.70).

Sabendo que os alunos não aprendem todas da mesma forma, tive a preocupação de proporcionar aulas dinâmicas, de modo a que cada aluno encontrasse o seu tempo de aprendizagem.

Ao longo das tarefas procurei encorajá-los e motivá-los, ajudando-os nas matérias lecionadas, ou em outros aspetos em que apresentavam dúvidas. Entendo que esta ação teve um ótimo resultado na medida em que foi proporcionado aos alunos a aquisição de novos conhecimentos, capazes de estimular o interesse e a concentração.

Tive a preocupação de planificar adequadamente e cuidadosamente as aulas em que iria intervir, tentando antecipar /visualizar a forma como a mesma se iria desenrolar, tomando sempre em atenção a apresentação de estratégias para cada atividade e a diversificação de recursos pedagógico-didáticos apropriados.

Partindo dos interesses dos alunos, as aulas poderiam mudar de rumo , consoante as propostas dos mesmos. Para desenvolver o gosto da aprendizagem, utilizei materiais diversificados, criativos e enriquecedores no contexto educativo.

No decorrer das aulas fui colocando questões sobre as atividades planeadas, esclarecendo as dúvidas dos alunos, apelando para a participação de todos, colaboração e cooperação. O desempenho dos alunos, foi satisfatório, no que concerne à participação e empenho durante a minha intervenção. Confesso, que ao longo do meu percurso de estágio tenho sentido mais confiança no trabalho que desenvolvo e na minha postura.

O estágio, contribuiu para um aumento dos meus conhecimentos, competências e capacidades.

Como futura professora durante o meu percurso de estágio senti a responsabilidade das minhas atitudes e comportamentos, mas algumas dificuldades em afastar receios, seja quanto a algumas estratégias a utilizar, recursos didáticos e abordagens de conteúdos.

Procurei acolher diferentes estratégias, tendo em consideração as características da turma, de forma a captar o interesse dos alunos pelos conteúdos abordados.

Para tal, teriam que estar muito bem estruturados e adequados à turma. Houve sempre a preocupação em fazê-los com a profundidade, rigor e articulação lógica.

Com o decorrer do tempo tornei-me um elemento mais ativo no apoio e orientação dos alunos para a concretização das aulas. Senti um enorme prazer em cooperar com os alunos e ajudá-los a ultrapassar dificuldades.

Procurei melhorar a minha postura e interação com os alunos, pelo que consegui dirigir as aulas de forma pacífica e interativa, mas sem perder como finalidade a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Entendi que nem todas as crianças são iguais e que podem apresentar dificuldades diversificadas, emoções diferentes e modos de estar contrários ao pretendido.

Adotei uma atitude pró-ativa ao colocar questões, esclarecer as dúvidas que iam surgindo, diligenciando sempre a participação de todos os alunos na discussão dos conteúdos.

Reconheço que os alunos foram intervenientes, interessados e atentos, elementos aliciadores para as práticas. Procurei estimular fazendo-os imaginar, interpretar e analisar, de modo a que a sua aprendizagem fosse benéfica, rica e autónoma, adotando mecanismos para resolver situações menos satisfatórias, sempre com uma capacidade de reflexão crítica.

A componente de investigação também foi um fator predominante para esse crescimento. Pesquisar, observar, refletir e agir são ações que permitem a qualquer profissional, seja de educação ou de outra área, um desenvolvimento na sua carreira e, acima de tudo, a nível pessoal.

Assim, refletindo sobre a carreira docente, posso afirmar que investigar permite uma consciencialização da importância do questionamento constante por parte do professor, no sentido de melhorar as suas práticas, fundamentando e justificando as opções tomadas.

Com os objetivos alcançados e a sensação de querer fazer sempre mais e melhor, o sentimento de inquietude foi uma constante.

Neste momento, apesar de me sentir mais capaz e de saber que consigo encontrar respostas para os problemas, não deixo de pensar que sei tão pouco, que a minha vida enquanto

docente está só a começar e que ainda preciso de saber muito mais para poder ensinar cada vez melhor.

Com tudo isto, percebi que devo ser exigente comigo, diversificar as estratégias e os materiais, definir parâmetros para criar uma boa gestão da sala de aula e, acima de tudo, atualizar-me investigando e refletindo, no sentido de continuar a minha formação, estando sempre ao nível das exigências profissionais.

Todas estas aprendizagens e experiências vividas são apenas os alicerces do meu futuro, sendo que é da minha responsabilidade a sua construção.

Os bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, os professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas o seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação. (Cury, 2004, p.70)

Capítulo II: *A CAMINHO* - Fundamentação Teórica

“O futuro não é o lugar onde estamos a ir, mas o lugar onde estamos a criar.
O caminho para ele não é encontrado, mas é construído”.
(Antoine de Saint-Exupéry)

Uma vez que procuro compreender os processos de diferenciação pedagógica a partir de um currículo estabelecido com possibilidade de ser gerido e interpenetrado, conto que os autores convocados neste capítulo me elucidem sobre caminhos possíveis e já percorridos, facilitando o meu próprio percurso investigativo.

2.1 - A Integração Curricular

A integração curricular segundo Sousa, Alonso, & Roldão (2013), “tende a despertar alguma concordância, por conseguir, em variados domínios, a incapacidade do isolamento e uma interação com o mundo através da diluição de fronteiras” (p. 53).

Na integração curricular destaca-se a importância do conhecimento, da natureza global e complexa da realidade, para justificar as abordagens articuladas e multidimensionais dos saberes. Assim, para promover um ensino, de melhor qualidade, aprendizagens multifacetadas e significativas, é importante a parceria de conteúdos até aí disciplinares, como forma de proporcionar aos alunos uma melhor aprendizagem.

As questões da integração curricular, têm vindo a ter um maior interesse desde a década de 1990. Para resolver as necessidades de uma época, Beane (2003) refere, que “o propósito das escolas era exclusivamente preparar os jovens para entrarem no mundo erudito das universidades e por essa razão, o currículo da escola foi conceptualizado por forma a espelhar o da universidade” (p. 92).

A escola era assim produzida a partir dos interesses de indústria e gerado no entendimento da teoria clássica, preservando assim o currículo para os melhores alunos e que seguissem o caminho até ao ensino superior.

Benavente (1994), menciona, que “é urgente mudar uma escola de conteúdos desatualizados, de saberes dissociados das práticas sociais e ritualizados no uso escolar de práticas baseadas na impessoalidade e na uniformidade, ignorando a diversidade dos alunos, numa escola de linguagens empobrecidas” (p.10).

A integração curricular enquanto prática diferenciada que atenta nas singularidades dos sujeitos aprendentes, na busca do significado para as aprendizagens e na construção de itinerários de aprendizagem pessoais, visa o “aumento de oportunidades de integração pessoal e social através da organização de um currículo à volta de questões significativas, reconhecidas de forma colaborativa entre alunos e professores” (Beane, 2002, p. 30).

O mesmo autor (2002) “considera que a integração curricular pretende promover a integração social” (p.106), pois, primeiro deve-se preparar o aluno para enfrentar e resolver problemas na vida em sociedade e não só para preparar o aluno para teste e exames. A integração tem assim uma componente socializadora essencial nas relações afetivas e sociais.

Beane (2002), apresenta uma concepção ampla e condescendente da integração curricular, considerando em quatro dimensões, como mostra a figura abaixo:



Figura 1- Dimensões da integração curricular (Beane, 2002, p.15)

Para Beane (2002) na integração curricular está subentendida:

(i) a *integração de experiências*, pois considera as ideias que têm de si próprios e sobre o mundo que rodeia: percepções, valores, etc., facilitando assim a resolução de problemas e situações futuras. Pretende o aprofundamento da compreensão real de nós próprios e do mundo, implica ter experiências construtivistas e reflexivas, que poderão ser usadas em muitas situações; (ii) a *integração social*, pois contempla a participação dos alunos na partilha de experiências educacionais estimulando valores comuns ou um bem comum. s; (iii) a *integração do conhecimento*, quando o próprio conhecimento é um instrumento para que os indivíduos lidem com os problemas durante a vida. Contribui para uma reflexão sobre a importância pessoal e social do conhecimento, da organização do currículo e das disciplinas, o que pressupõe uma abordagem integradora, pois a divisão em disciplinas não faz sentido para desenvolver a compreensão dos problemas; (iv) a *integração como conceção curricular*, pois o currículo é organizado em redor de todos os temas problemas através de todo o conhecimento e das suas experiências pertinentes. (p.15)

Para melhorar o conhecimento do aluno, devem ser trabalhados diferenciados conceitos relacionados com o seu quotidiano, como o ambiente, a história e o conhecimento do mundo, a saúde, os valores, sendo a integração curricular que relaciona a aprendizagem realizada na escola, com a vida real.

Posto isto, a integração curricular tem como ponto de partida uma situação problemática ou um tema motivador, predispondo a vivência do aluno e os seus interesses para a aquisição de novos conhecimentos.



Figura 2 – Rede para a Integração Curricular (Beane,2003, p.99)

A figura 2, indica como a integração curricular compreende a concepção do currículo, procurando relações entre todos os caminhos, favorecendo a possibilidade de integrar as suas próprias experiências, demonstrando que os alunos devem ter um papel ativo nas atividades curriculares.

Atualmente, para atender às características dos alunos e às indicações do currículo é solicitado que o professor faça uma gestão mais flexível no currículo, que permita aos alunos adquirirem saberes de forma mais significativa e acessível.

Para Roldão (1999), “o currículo deve ser entendido como aquilo que se espera fazer aprender na escola, de acordo com o que se considera relevante e necessário na sociedade, num dado tempo e contexto” (p.32).

O currículo é necessário para a promover a igualdade de sucesso e acesso na educação e assim permite um maior desenvolvimento dos alunos, promovendo de forma harmoniosa e geral.

Moran (2008) menciona que a escola precisa “de partir de onde o aluno está, das suas preocupações, necessidades, curiosidades e construir um currículo que dialogue continuamente com a vida, com o cotidiano. Uma escola centrada no aluno e não no conteúdo, que desperte interesse” (p.1).

Amado (2015), menciona que “nesse sentido, a integração curricular vem criar uma rutura da organização disciplinar do currículo e, conseqüentemente, provocar a desconstrução das práticas instituídas” (p.420).

Contudo, as ferramentas estruturadas não são de molde a promover a gestão flexível. Basta atentarmos nos manuais escolares, divididos por áreas disciplinares/disciplinas, o que torna difícil estabelecer articulação entre eles. Contudo tal não necessitaria de ser condicionante, pois a integração não expulsa necessariamente os manuais, antes lhes pode dar uma diferente utilidade como fonte de informação existente na sala, a pesquisar pelos alunos, em vez de gestor autocrático do currículo, tornando assim mais fácil os professores guiarem-se por manuais escolares.

Beane (2002) considera que “as disciplinas que integram o currículo são aliadas úteis para que haja uma autêntica integração curricular” (p.30).

Para Cohen e Fradique (2018),

o importante é a criação de dinâmicas de trabalho que privilegiem a articulação em equipa educativa sem, no entanto, se perder a entidade das disciplinas envolvidas. Cada uma deverá enriquecer o respetivo currículo com opções metodológicas adequadas aos contextos, desempenhando o aluno um papel ativo. (p.72)

Uma enorme mudança implica os docentes estarem preparados e dispostos a aceitar, o que é de realçar que nos dias de hoje ainda se acomodam por ser mais conservadores e comodistas, transmitindo assim maior confiança nos seus trabalhos.

Cabe então ao professor, de acordo com o contexto educativo, adequar, diversificar, articular e flexibilizar o currículo, possibilitando uma aprendizagem desejada e significativa de modo a que faça sentido para quem a integra.

A integração irá implicar um trabalho cooperante entre professores e alunos e que a escola caminhe por um novo rumo de ensino, onde a democracia e colaboração exista.

Para Alonso et al. (2001),

a organização das aprendizagens baseada na articulação dos saberes é uma mais-valia, pois o estabelecimento de relações entre as diferentes áreas curriculares proporciona aos alunos a descoberta e a tomada de consciência de que não existem espaços isolados e de que tudo se inter-relaciona. (p. 60)

Estes autores acrescentam ainda que esta articulação permite “trabalhar numa perspetiva globalizadora e integradora do saber e da experiência” (p. 28).

Consiste em trabalhar num conjunto de várias áreas curriculares, conduzindo para a construção do seu próprio saber e a partir de um tema central para existir uma abordagem interdisciplinar. O importante é que todas as áreas se encontrem, independentemente, dos conteúdos de cada uma.

Albino (2009), apresenta o quadro seguinte, seguindo o pensamento de Japiassú (1976), esclarecendo os quatro termos frequentes: disciplina, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

DISCIPLINA	constitui um corpo específico de conhecimento ensinável, com seus próprios antecedentes de educação, treinamento, procedimentos, métodos e áreas de conteúdo
MULTIDISCIPLINARIDADE	estudo de um objeto sob diversos ângulos, mas sem pressupor um acordo ou um rompimento de fronteiras entre as disciplinas
INTERDISCIPLINARIDADE	recorre a uma conexão entre disciplinas, engendrando uma integração real e uma troca de conhecimentos baseada em um conjunto de axiomas, coordenados por um nível superior às próprias disciplinas
TRANSDISCIPLINARIDADE	não se restringe a interações ou reciprocidade das disciplinas, mas q vai além e derruba as fronteiras das disciplinas e interdisciplinas, formatando um sistema de múltiplos níveis.

Quadro I- Definição das abordagens disciplinares, Albino (2009, p.37)

A interdisciplinaridade pressupõe uma organização curricular diferenciada e o cruzamento das disciplinas.

A interdisciplinaridade para Piaget (1981) é entendida como:

(...) intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências que deveria conduzir à transdisciplinaridade, sendo esta última, concepção que se traduz em não haver mais fronteiras entre disciplinas. Piaget aposta na transdisciplinaridade, entendida como integração global das ciências, afirmando ser esta a etapa posterior e mais integradora que a interdisciplinaridade, visto que, segundo o autor, alcançaria as interações entre as

investigações especializadas, no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. (p.52)

Existe dificuldades por parte dos docentes em estabelecer a necessidade de envolver todas as disciplinas no desenvolvimento da interdisciplinaridade, mas como Cosme (2018) refere:

o que se pretende é que a articulação possa contribuir para ampliar a possibilidade de aprendizagem dos alunos, exponenciar os significados da mesma, otimizar procedimentos ou rentabilizar tempo de trabalho, evitando redundâncias curriculares, no momento em que dada temática, comum a mais do que uma disciplina, pode ser objeto de trabalho, apenas, numa dessas disciplinas. (p.16)

Assim, Alonso (2002), sugere no conceito de integração curricular uma abordagem multidimensional interligando quatro dimensões: “integração dos problemas e questões do/o meio, integração dos alunos e das suas experiências, integração do conhecimento, quebrando a uniformidade disciplinar e a integração dos professores a tornar as aprendizagens mais significativas para os alunos” (p.74).

A integração curricular “preocupa-se com o aumento de oportunidades de integração pessoal e social através da organização de um currículo à volta de questões significativas reconhecidas de forma colaborativa entre alunos e professores” (Beane, 2002, p. 30).

No entanto, Pombo (1994), defende o conceito de integração curricular como necessário para reunir-se duas ou mais disciplinas, para que os docentes façam dirigir-se um tema conhecimentos de outras áreas e define três categorias no esquema apresentado na figura abaixo (p.39).

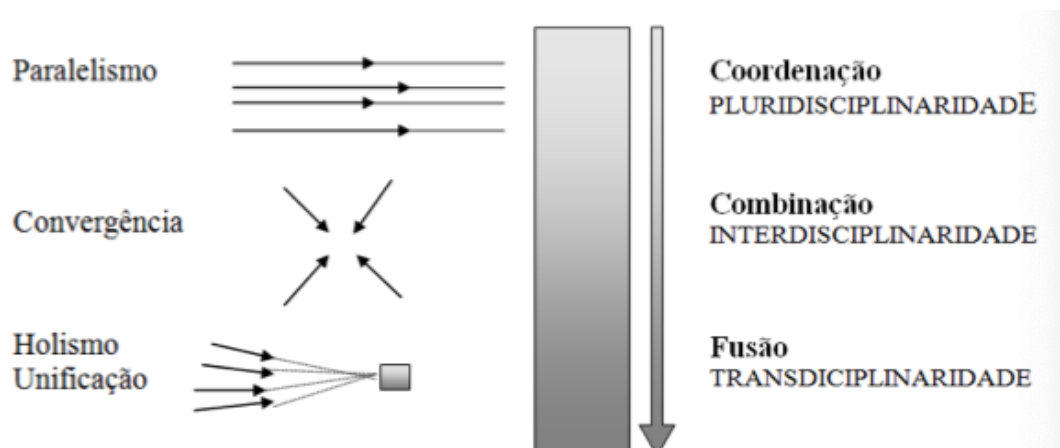


Figura 3- Cenários da Integração Curricular (Pombo,1994, p.39)

Cohen e Fradique (2018) defendem que:

em relação ao nível da multidisciplinaridade, regista-se um baixo grau de coordenação sendo evidente o paralelismo entre os vários domínios do conhecimento, estão bem estabelecidos os limites entre as disciplinas. No caso da interdisciplinaridade, estabelecem pontos de convergência, prevalecendo a combinação entre as áreas. No último grau a transdisciplinaridade atinge-se uma integração máxima dos seus contributos. (p.52)

Cosme (2018) menciona que “numa primeira fase os temas a trabalhar em cada disciplina e, posteriormente, as questões que deverão orientar o trabalho a realizar em função desses temas” (p.16).

Fazendo uma análise mais extensa da integração curricular, Beane (2002), considera: a integração curricular centra o currículo na própria vida e não no domínio de informações fragmentadas no seio das fronteiras das disciplinas. Trabalha a partir de uma visão de aprendizagem como a integração contínua de novos conhecimentos e experiências, para aprofundar e alargar o nosso entendimento de nós mesmos e do nosso mundo. Concentra-se na vida tal como é vivida presentemente e não na preparação para uma vida futura ou nível escolar. Serve os jovens para quem o currículo é dedicado e não os interesses especializados dos adultos. Diz respeito à análise ativa e à construção

de significados e não à mera assunção da validade de outros significados. E ressuscita a ideia de democracia através da sua centralização nos problemas, dos seus usos do conhecimento e do seu enquadramento participativo. (p. 29)

Para Alonso (2002) “um Modelo de Integração Curricular propõe aos alunos e professores, o meio se constitui como fonte de aprendizagem, em ligação com outras fontes e materiais, permitindo articular o conhecimento escolar com o conhecimento quotidiano” (p.74), apresentando assim uma forma esquemática abaixo indicada, utilizando os instrumentos conceituais e procedimentos das áreas disciplinares à visão do mundo.



Figura 4- Dimensões da Integração Curricular (Alonso, 1997 in Alonso 2002, p. 9)

Candeias (2007) refere que na integração os conhecimentos e problemas devem ser tratados de forma integral, para que “a contribuição das áreas disciplinares surja na perspetiva da fusão, da assimilação para a construção de soluções globais” (p. 579).

Neste sentido, Beane (2002), “afirma que a integração curricular é difícil e não serve para os que são profissionalmente frágeis” (p. 78).

Segundo Azevedo (2018)

As novas dinâmicas de aprendizagem interdisciplinar, interligando saberes, competências e valores, ao criarmos oportunidades para os alunos aprenderem mais e melhor, com mais

profundidade e com mais ligação ao real (aprendizagens que não irão esquecer no dia depois do teste e que se tornam inteligência pessoal e social), ao colocarmos os professores e os alunos a cooperar e a trabalhar em articulação curricular, ao reforçarmos a autonomia profissional dos professores e a autonomia dos alunos,... estamos a percorrer um caminho necessário, urgente, irrecusável. (p.1)

2.2 - Aprendizagens Significativas

Ao falar sobre aprendizagem, remete a refletir de imediato sobre o estudo. Mas a aprendizagem não está limitada só ao mesmo ou à escola. Todos os dias estamos em constante aprendizagem. Segundo Papalia et al. (2001):

a perspetiva de aprendizagem diz respeito ao comportamento que pode ser observado e estudado de um modo objetivo e científico. Os teóricos de aprendizagem sustentam que o desenvolvimento resulta da aprendizagem, como mudança de longa duração no comportamento baseada na experiência ou adaptação. (p. 26)

A partir dos anos 50/60 a aprendizagem passa a ser vista como aquisição de conhecimentos, ocorrente de uma revolução cognitiva em que o propósito de ensino passa a ser a aquisição de conhecimentos. A partir dos anos 70, o sujeito constrói o conhecimento para as suas aprendizagens, considerada uma construção de significados.

Para Cohen e Fradique (2018) “a aprendizagem acontecerá de uma forma consciente e efetiva, se o professor criar oportunidades e condições para que os alunos aprendam de forma autónoma e cooperativa” (p.65).

É de realçar que para a aprendizagem significativa aconteça é necessário perceber um processo de modificação de conhecimento e identificar a importância que os processos mentais têm nesse desenvolvimento.

Para a aprendizagem significativa existir são necessárias duas situações. Em primeiro o aluno precisa de ter predisposição para aprender. Sendo o que interessa para o aluno é relacionar a aprendizagem com o conhecimento que possui. Em segundo, para que o conteúdo escolar a ser aprendido, tem de ter lógica e ser significativo.

Moreira (2006), afirma que

uma das condições para que ocorra a aprendizagem significativa é a predisposição para aprender e há entre a condição e a predisposição uma relação circular, pois a aprendizagem já ocorrida e internalizada, produz um interesse em aprender, ou uma predisposição que é transformada em atitudes e sentimentos positivos que facilitam a aprendizagem. (p.13)

Nos dias de hoje no processo ensino-aprendizagem, fala-se em aprendizagem significativa e não em estímulos, respostas e reforços (Moreira, 2006).

A expressão ensino-aprendizagem, não significa que um origine o outro, apesar de usarmos muitas vezes, para Roldão (2006) “apesar de estarem intimamente relacionadas através da razão que os une - o saber- professor e aluno situam-se em posicionamentos distintos. A ação do professor é assim determinante no modo como deve tornar os saberes ensináveis” (p.66).

Assim defende Lemos (1989), “o ensino não é a finalidade, mas o meio pelo qual a aprendizagem do aluno é favorecida, pois ocorre de relações sociais, cognitivas e afetivas” (p.31), cabendo assim ao ensino orientar o aluno, no processo de aprendizagem e *aprender a aprender*.

Aprender significativamente para Moreira (2006) é, “nesse caso, compreender a organização lógica do material a ser aprendido”.

Para que o ato de aprender seja bem sucedido, o professor deve refletir sobre o saber em função da ação.

Na vista de Branco, Caldas & Roldão (2011) compreende-se por ensino:

Toda a ação é intencional dirigida a promover uma aprendizagem (de qualquer conteúdo curricular) em alguém, a estratégia assume outro papel e relevância. De facto, nessa perspectiva, toda a ação desenvolvida pelo professor, desde a conceção e planificação,

ao desenvolvimento didático e à regulação e avaliação do aprendido – processo de desenvolvimento curricular – é em si mesma da natureza estratégica. (p.58)

Roldão (1999) refere que “aprender significa apropriar-se dos sentidos daquilo que se aprende, atribuir um significado a alguma coisa e inserir cada nova aquisição num processo interativo que se constrói a partir de um quadro prévio que o sujeito se situa” (p.28).

Ao refletir sobre as práticas de ensino, a aprendizagem tem de ter unidade de significado, estar ligada ao quotidiano, só assim pode ajudar a evitar o abandono escolar, a desmotivação e a oposição que existe com a escola. O aluno não deve receber informações prontas e com um único objetivo: reproduzir na íntegra, uma vez que se torna necessário que esteja motivado para a aprendizagem, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

É essencial levar-se em consideração as complexidades provenientes da situação de classe de aula, estas por sua vez, incluem a presença de muitos alunos de motivação, prontidão e aptidões desiguais; as dificuldades de comunicação entre professor e aluno; as características particulares de cada disciplina que está sendo ensinada; e as características das idades dos alunos. (Ausubel, Novak & Hanesian, 1980, p. 5)

Citado por Oliveira (1999), a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" (cit. in Simão (2005), p.10).

Referente a predisposição do aluno para a aprendizagem é necessário o aluno ter predisposição para aprender o conteúdo escolar. É de realçar que para uma aprendizagem acontecer, ela deve ter significado, relacionando-se com vivências pessoais e experiências anteriores dos alunos, permitindo a revelação de problemas de uma forma desafiante.

Lopes (2008), menciona,

Para que o conhecimento seja significativo, é necessário o processo de interpretação pessoal que exclui a hipótese de passividade na aprendizagem. Deste modo, sendo um processo de construção pessoal, cada aluno é a parte responsável pela sua própria aprendizagem. (p.37)

A aprendizagem para o aluno tem de ser algo que lhe faça sentido, caracterizando-se assim pela interação entre novos conhecimentos e o conhecimento prévio, existindo assim dois pontos muito importantes na aprendizagem:

- i. o método como podem ser aprendidos os conhecimentos;
- ii. o método como estes incorporam toda a informação nas suas estruturas cognitivas.

Ausubel (2003), refere que o uso de organizadores prévios pela parte do professor podem estimular os alunos, de forma a não sentirem necessidade de memorizar o conteúdo apresentado:

(...) o uso de organizadores (...) torna desnecessário grande parte da memorização, à qual os estudantes recorrem muitas vezes, pois lhes exigem que aprendam os pormenores de uma disciplina desconhecida, antes de terem disponível um número suficiente de ideias ancoradas chave que tornem esses pormenores significativos.(p.154)

O professor necessita de organizar o material de ensino, utilizando os organizadores prévios, procurando ajudar a diferenciação e reencontro integrativo, possibilitando o contacto entre o que o aluno já sabe e o que precisa de saber .

Analisando que a escola deve trabalhar o conhecimento prévio e ir ao encontro das experiências dos alunos, preservando as características próprias destas, a família deve contribuir para todo o processo, assumindo responsabilidades, educando e trabalhando em conjunto com a escola.

Segundo Ausubel, Novak & Hanesian (1980) referem “se tivesse que reduzir toda a Psicologia Educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra isso e ensine-o de acordo” (p.137).

Assim, o conhecimento prévio é adquirido através de ideias prévias que foram armazenadas trazendo os conhecimentos e informações de como pensam.

Segundo Ausubel (2003), “O conhecimento prévio pressupõe um integrado conhecimento contextual, afetivos e procedimentos, configurando assim a estrutura cognitiva prévia do aluno que aprende” (p.85).

Analisando que a escola deve trabalhar o conhecimento prévio e ir ao encontro das experiências dos alunos, preservando as características próprias destas, a família deve contribuir para todo este processo, assumindo responsabilidades, educando e trabalhando em conjunto com a escola.

Tendo em conta que a construção de conhecimentos, tal como é entendida no construtivismo, supõe uma interação activa e produtiva entre os significados dos alunos e as informações provenientes do exterior. (...) É um processo mediante o qual o sujeito elabora significados próprios, não se limitando simplesmente a recebê-los ou a assimilá-los, construindo, ao mesmo tempo, o caminho específico da sua progressiva evolução. (Alonso et al, 2001, p.20).

Rogers (2001) define aprendizagem significativa desta forma,

Aprendizagem significativa, entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (p.1)

Santos (2000) menciona que, “a aprendizagem somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos” (p.33).

Considera-se assim que para uma aprendizagem mais estimulante os professores têm de transformar aulas em mais interessantes, com conteúdos mais relevantes para os alunos em que lhes proporcionem novas experiências, beneficiando de um ambiente mais enriquecedor para a aprendizagem.

O professor deve assumir-se como facilitador das aprendizagens proporcionando aos alunos espaços e momentos onde o conhecimento se torne pleno de significado para os alunos e onde os conteúdos trabalhados tenham enfoque nas situações do quotidiano dos alunos.

Assim sendo, o docente deve conduzir o aluno a compreender o que realmente faz sentido à criança, que esta se aplique de corpo e alma, de forma a tornar uma aprendizagem mais rica e de ir ao encontro com as necessidades do aluno.

Antunes (2003) menciona que “a aprendizagem da criança será tanto mais significativa quanto mais relação (como sentido) for capaz de estabelecer entre o que já conhece e o novo conteúdo que for apresentado como objeto da aprendizagem” (p.42).

É indispensável o diálogo entre a escola/família para conseguirem maior valorização da aprendizagem significativa.

É fundamental a intervenção do docente na aprendizagem significativa, pois é importante que a criança se sinta compreendida e que valorizem as suas ações, por ser mais um passo na aquisição do conhecimento.

Para que haja uma aprendizagem significativa, cabe ao docente adequar, diversificar, articular e flexibilizar o currículo de modo ir ao encontro com o contexto educativo e tornar a aprendizagem mais significativa para quem aprende.

A aprendizagem significativa não se restringe a métodos de ensino ou a processos de aprendizagem. Na sala de aula, o conhecimento não é apenas transmitido pelo professor, é aprendido pelos alunos. Ensinar e aprender com significado requerem interação, disputa, aceitação, rejeição, caminhos diversos, percepção das diferenças, busca constante de todos envolvidos na ação do conhecer (Kleinke, 2003, p.21).

Através de uma abordagem multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, os docentes podem adotar estratégias baseadas em planificações direcionadas para a integração curricular, podem ser utilizadas de modo mais sistemático e potenciar as aprendizagens aos alunos.

Em suma, é essencial perceber que existe uma apropriação da informação para que haja aprendizagem significativa que produza conhecimento. Para Moran (2008), “ensinar e aprender hoje pode transformar-se num estímulo desafiante, que nos realiza pessoalmente e profissionalmente” (p.9).

2.3 - Trabalho Colaborativo

O processo de colaboração é por si, um processo de envolvimento, de entrosamento entre pessoas que trabalham em conjunto, com objetivos comuns onde as competências individuais são potenciadas. O trabalho colaborativo ao assentar numa cultura de colaboração privilegia o desenvolvimento profissional de cada um. Neste sentido, o trabalho colaborativo poderá ser entendido como primordial para a melhoria da escola, constituindo-se como uma estratégia de desenvolvimento profissional entre os professores predispondo-os para a inovação, para a experimentação sem receios de correrem grandes riscos.

Lima (2002) refere que “a colaboração não se justifica por si própria: ela é um meio para se atingir um fim mais nobre: uma aprendizagem mais rica e mais significativa dos alunos” (p.8).

No entanto este autor menciona que existe colaboração quando “cada individuo participa com a sua parte num empreendimento comum, cujo resultado beneficia todas as pessoas envolvidas” e em que “a responsabilidade pelo processo é partilhada e as decisões críticas são tomadas conjuntamente” (p.46).

A perspetiva vai ao encontro de os docentes trabalharem em conjunto, procurando atingir-se objetivos comuns. No entanto, o simples facto dos docentes trabalharem em grupo não significa que estejamos perante uma situação de colaboração.

É necessário confiar no outro, valorizar as experiências e saberes e compreender que é possível ir mais longe quando não se está sozinho. Para que todos enriqueçam e mudem pelo trabalho colaborativo implica, ter a simplicidade de valorização do nosso próprio conhecimento e da nossa experiência. Requer assim, uma partilha maior com os outros.

Torres (2006) define assim três tipos de culturas: (i) *a cultura integradora*, quando o grau de partilha e de identificação coletiva com os objetivos e valores da organização é elevado; (ii) *a cultura diferenciadora*, quando o grau de partilha cultural apenas se restringe ao grupo de referência, sendo provável a coexistência de distintas subculturas no mesmo contexto organizacional; (iii) *a cultura fragmentadora*, quando se constata o grau mínimo de partilha cultural, frequentemente adstrita à mera esfera individual” (p 62).

Requer-se assim uma maior partilha com os outros, para existir uma melhor compreensão do ensino, necessitando de conhecer as culturas em que trabalham os professores.

O trabalho colaborativo de uma cultura de colaboração é a forma de trabalho predominante, entre professores “constitui uma estratégia de desenvolvimento profissional, conduzindo-os a uma maior disponibilidade para fazerem experiências e para correrem riscos” (Hargreaves, 1998, p. 209).

Canha (2013) refere, “para crescer e para se consolidar, essa cultura requer a multiplicação dos projetos e, através dela, a continuidade da experiência” (p. 452).

Assim, a cultura colaborativa contribui para mudanças significativas e contém inúmeras potencialidades, facilitando assim a inovação.

Hargreaves (1998) caracteriza as culturas colaborativas como: (i) *Espontâneas*, quando partem principalmente dos próprios professores, enquanto grupo social; (ii) *Voluntárias*, quando as relações de trabalho em colaboração resultam, da perceção que os docentes tem do seu valor, a qual deriva da experiência; (iii) *Orientadas para o desenvolvimento*, quando, nas culturas de colaboração, os professores trabalham em conjunto, principalmente para desenvolver iniciativas, próprias, ou para trabalhar sobre iniciativas que são apoiadas ou requeridas externamente, nas quais eles próprios estão empenhados; (iv) *Difundidas no tempo e no espaço*, quando, nas culturas de colaboração, o trabalho em conjunto não é, muitas vezes, uma atividade calendarizada (como uma sessão de planificação regular) que possa ser fixada administrativamente, e deve ter lugar num tempo fixo, num local designado; (v) *Imprevisível*, uma vez que, nas culturas de colaboração, os professores exercem discricção e controlo sobre aquilo que desenvolvem, os resultados da colaboração são muitas vezes incertos e dificilmente previsíveis. (p.216)

Fullan & Hargreaves (2001) referem que a escola pode ser colaborativa apesar do ambiente, contudo “não é possível continuar-se a tê-lo sem o envolvimento ativo e o apoio desse ambiente” (p.94).

Assim, quando o trabalho colaborativo é eficiente consiste num espaço beneficiário de formação para solidificar conhecimentos, clarificar ideias, segurança de partilha, etc.

Segundo Alarcão (2000),

Nesse espírito, o professor deixa para trás o individualismo que o tem caracterizado e assume-se como parte ativa do todo coletivo. Ao fazê-lo, enquadra-se num processo de formação em contexto profissional, aprende na partilha e no confronto com os outros, qualifica-se para o trabalho, no trabalho e pelo trabalho. (p.18)

Atualmente, o agir profissional do professor tem de ser realizado em equipa através das práticas colaborativas e como entidade coletiva o conhecimento profissional.

Também Ponte, Serrazina, Sousa & Fonseca (2003) defendem que,

Hoje em dia, é impensável concretizar uma tarefa ou um projeto com o mínimo de complexidade, sem recorrer aos esforços conjugados de toda uma equipa. Na verdade, a colaboração é uma estratégia de grande utilidade para enfrentar problemas ou dificuldades, em especial aqueles que não se afigurem fáceis ou viáveis de resolver de modo puramente individual como os que surgem no campo profissional. (p.4)

Fullan & Hargreaves (2001) referem que é necessário “perceber como podemos preparar, sustentar e motivar os bons docentes ao longo da sua carreira” (p.111).

Para existir um bom funcionamento do trabalho colaborativo, tem de haver equilíbrio, respeito e reciprocidade no relacionamento entre pares. Não querendo dizer que participem todos da mesma forma, mas que participem de maneira a desempenhar responsabilidade no que se está a realizar. Tendo em conta os pontos de vista de cada um, o trabalho colaborativo é essencial para melhorias de práticas letivas, de forma a compreender e a resolver as dificuldades, exigindo partilha de conhecimento e de responsabilidades.

Para Lima (2002) a colaboração “não se justifica por si própria: ela é um meio para se atingir um fim mais nobre: uma aprendizagem mais rica e mais significativa dos alunos” (p.8).

Todos beneficiam com a realização do trabalho, pois tem algo a dar e receber, deste trabalho em conjunto. Segundo Boavida & Ponte (2002), “a realização de um trabalho em conjunto, a colaboração, requer uma maior dose de partilha e interação do que a simples realização conjunta de diversas operações” (p.4).

O trabalho colaborativo entre docentes exige partilha de conhecimento e de responsabilidade, favorecendo assim a mudança de práticas e tornar-se um processo de formação mútua ao longo da vida, “exige uma reflexão sobre o já experimentado para a reconstrução de novas experimentações num caminhar para um tipo de ação cada vez mais eficaz e positiva” (Ribeiro, 2006, p. 89).

Segundo Canha (2013) trabalhar em colaboração “implica que cada elemento da equipa seja capaz de alinhar o seu pensamento e a ação dos seus parceiros, na expectativa de melhor compreender a realidade e de sobre ela agir” (p. 62). Valorizando assim cada um na experiência, pensamento e contributos.

O modo de trabalhar pode assim ajudar em diversas maneiras, tais como: acompanhamento dos alunos; partilha de conhecimentos e estratégias; articulação entre o mesmo ciclo ou ciclos diferentes, entre outros.

Para que o trabalho colaborativo ocorra, segundo Roldão (2006) tem de existir:

(i) um esforço conjunto e articulado para compreender e analisar o porquê das situações problemáticas de aprendizagem; (ii) a mobilização de tudo o que cada um sabe, e que é específico, para colocar em comum na discussão da situação global e na decisão da acção a adoptar; (iii) o levantamento de novos e imprevistos problemas cuja solução é pesquisada de novo, e discutida por todos, dividindo tarefas, mas conjugando os resultados; (iv) o reconhecimento dos erros (por vezes da responsabilidade de um dos elementos) e o imediato esforço coletivo para os superar com uma nova alternativa de acção; (v) a responsabilidade de cada um e de todos nos falhanços e nos sucessos, sem prejuízo dos contributos específicos de cada um; (vi) a concentração da acção profissional no seu destinatário que é quem a ela tem direito. (p.23)

Para Ribeiro (2000), “ser professor exige uma reflexão contínua sobre o já “experimentado para a reconstrução de novas experimentações num caminhar para um tipo de acção cada vez mais eficaz e positiva” (p. 89).

Ainda segundo Hargreaves, Earl & Ryan (2001), o recurso, talvez mais importante do trabalho colaborativo, é o facto de contribuir para a aprendizagem de todos os envolvidos, pois

em conjunto encara-se um problema como um obstáculo, estas aprendizagens “são importantes para aumentar a consciência e atribuir os professores de capacidades, para que sejam mais eficazes com os seus estudantes” (p. 209).

Roldão (2007), refere que uma das razões para que o trabalho colaborativo não se encontre totalmente estabelecido nas escolas, se deve:

(...) à organização como o trabalho docente está estabelecido, com a fragmentação das diferentes áreas disciplinares, cujos professores detentores de cada uma dessas disciplinas, raramente comunicam, observam, analisam e discutem as práticas uns dos outros, no sentido de as melhorar com base num saber coletivamente construído. (p.29)

Ainda de acordo com esta autora, outra das razões tem a ver com a “normatividade quer curricular quer organizacional”, pois leva a que os professores se preocupem mais com o cumprimento das diretrizes, do que com a eficácia e a qualidade e para que isso mude os professores em conjunto “tem de decidir qual a forma mais adequada de se trabalharem os currículos estabelecidos” (p.29).

Lima (2002) considera que,

Ser-se ou não um professor colaborativo não é, geralmente, apenas uma questão de personalidade (...). Quantos professores não exercem a sua actividade profissional envolvendo-se em equipas durante grande parte do tempo na sua escola, num determinado ano letivo, para no ano seguinte, ao mudarem de estabelecimento (ou não), optarem por práticas totalmente distintas, caracterizadas por procedimentos isolacionistas ou, na melhor das hipóteses, por contactos escassos e estrategicamente contidos com os poucos colegas com quem arriscam interagir. (p.12)

Concluindo assim este segundo capítulo, é importante partir para a explicação do tipo de metodologia utilizada, bem como os seus participantes, técnicas de recolha de dados e análise de dados.

Capítulo III: *A PLANTAR* - Metodologia

“Os homens do teu planeta, disse o príncipezinho, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram o que procuram.
 -Não encontram? – respondi
 E, no entanto, o que eles procuram poderia ser achado numa rosa ou num pouco de água...
 - É verdade.
 E o príncipezinho acrescentou:
 - Mas os olhos são cegos. É preciso procurar com o coração”.
 (Antoine de Saint-Exupéry)

3.1 - *Um Paradigma de Investigação*

Foi através da observação em campo , aquando da realização de estágio que emergiu a problemática deste estudo, partindo de um pressuposto empírico decorrente das preocupações manifestadas pelos docentes do grupo de trabalho onde estava inserida.

Tendo em conta esta experiência, o estudo desenvolvido visou *compreender e identificar como, em contexto de sala de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico, se constrói uma ação pedagógica diferenciada conducente à promoção de aprendizagens significativas*, partindo de duas questões orientadoras:

- 1- Como a integração curricular pode favorecer as aprendizagens significativas?
- 2- Como o trabalho colaborativo contribui para uma melhor integração destas aprendizagens?

Para melhor compreensão de todo o processo de investigação, foi importante definir as metodologias a serem utilizadas face ao objeto deste estudo, neste caso, foi utilizada a metodologia qualitativa, investigativa e interpretativa. A escolha da metodologia é determinante para todo o processo de investigação.

Os investigadores importam-se com as necessidades e interesses dos sujeitos em causa e também que estes se envolvam no processo.

A investigação qualitativa baseia-se principalmente na compreensão dos problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação, tentando compreender e capturar todas as perspetivas e pontos de vista com pormenor sobre os assuntos.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994), “a preocupação primordial não se centra na suscetibilidade e generalização dos resultados; centra-se, nomeadamente, nos contextos e nos sujeitos alvo da generalização” (p.66).

A investigação qualitativa assenta no método indutivo ao nível metodológico “porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é, o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (Coutinho, 2011, p.28).

Parte-se do pressuposto de que a construção do conhecimento se processa “de modo indutivo e sistemático, a partir do próprio terreno, à medida que os dados empíricos emergem” (Pacheco, 2001, p.16).

Os dados recolhidos são determinados por qualitativos, o que “representa que são ricos em pormenores descritivos, relativamente a pessoas, locais e conversas [sendo] de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar (...) são formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16).

Para complementar e fundamentar a pesquisa, o investigador necessita de ferramentas e técnicas de registo e recolha de dados.

Segundo Hérbert, Goyette & Boutin (1990),

O investigador, quer seja em investigação qualitativa ou não, deve, portanto, selecionar um modo de pesquisa, uma ou mais técnicas de recolha de dados e um ou vários instrumentos de registo dos dados. Isto significa para ele, “instrumentar” a sua investigação. (p.141)

Para que o investigador tenha um papel crucial de observador participante naturalista, este tem de observar e participar, intervindo com os sujeitos em diversos momentos; Assim

revestida na função de estagiária/investigadora, fui no contexto de estágio um elemento observador e participante, recolhendo dados a partir desse campo natural.

Bogdan & Biklen (1994) enumeram cinco características da investigação qualitativa e interpretativa:

(i) maior interesse pelo processo que nos resultados ou produtos; (ii) tem carácter descritivo; (iii) a valorização do ambiente natural que é a fonte direta de dados; (iv) os dados são analisados de forma indutiva; (v) para o investigador é excessivamente importante o significado em que as pessoas dão às suas vidas. (p.50)

No primeiro ponto o investigador deve observar com enorme rigor, ouvir o silêncio, as expressões, os olhos, acompanhar o processo que se desenvolve; No que respeita à descrição, deve conter todos os pontos de vista e falas do sujeito, para existir coerência nos dados; Numa terceira parte, o investigador deve-se preocupar com o contexto, pois é onde se coloca em contacto direto com o local de pesquisa na sequência de produzir dados; Em relação à forma indutiva, não há lugar a hipóteses antecipadas, trata-se de um processo mental que, para chegar ao conhecimento, parte de fatos singulares evidenciados para tirar conclusão e propor uma referência geral; Por fim, os investigadores beneficiam, fundamentalmente, da compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Bogdan & Biklen (1994) afirmam também que a “abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja analisado com a ideia de que nada é vulgar, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (p.49).

Ao nível qualitativo foi utilizado um método interpretativo e segundo Bogdan & Biklen (1994),

Os investigadores qualitativos estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam, modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social onde vivem. (p.51)

O objetivo geral da investigação é o “mundo humano enquanto criador de sentido (...) Deste modo, a investigação interpretativa tem como objetivo a compreensão do significado atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que manifestam, que são definidos em termos de “ações”” (Hébert, 1990, p.175).

A investigação interpretativa dispõe do “interesse central no significado humano, na vida social e na sua explicação e exposição por parte do investigador” (Erickson, 1989, p. 119).

Erickson (1989) refere que o estudo interpretativo “é uma questão de foco substantivo e intenção, e não uma questão de procedimentos para a recolha de dados” (p.120).

Para que se consiga dar respostas ao que possa surgir e possibilitar uma aprendizagem significativa aos alunos é importante o professor estar em constante investigação, tornando-se num pilar principal.

Para possibilitar uma aprendizagem significativa aos alunos, é importante que o professor seja um investigador em contínua pesquisa.

Ao proporcionar um conhecimento inerente aos factos, pretende-se uma abordagem de melhor compreensão do real. Necessitando de ter sempre precisão na recolha, análise e interpretação dos dados.

Assim, pretende-se abordar no próximo ponto os participantes do estudo em questão.

3.2 - Participantes no Estudo

O presente estudo tem como ambiente natural uma sala de 1º ano de uma Escola de 1º Ciclo do Ensino Básico. Os participantes indiretos são as 24 crianças com idades compreendidas entre os seis e sete anos, no período de 15 de outubro a 31 de janeiro e a respetiva docente.

Os participantes diretos no estudo são:

- 4 Docentes do grupo de trabalho do 1º ano do Ensino Básico;
- 1 Coordenador Pedagógico

3.3 - A Recolha de Dados

Segundo Aires (2011), “a seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois a concretização dos objetivos depende destas” (p.24).

A recolha de dados nesta investigação baseou-se essencialmente na observação e na entrevista.

- A *observação*. Foi através da observação que emergiu a problemática investigada, partindo de um pressuposto empírico decorrente das preocupações manifestadas pelos docentes do grupo de trabalho onde estava inserida.

Segundo Bisquerria (1989, p.88) é “uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada, pois o investigador deve descrever e compreender tudo à sua volta”.

Para Quivy & Campenhoudt (2005), a observação pode ser direta ou indireta. Na observação direta o investigador “procede diretamente à recolha das informações, sem que haja intervenção dos sujeitos observados” (p.19), na observação indireta “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada”(p.19)

Assim, procedo a uma investigação indireta, através da realização das entrevistas.

- A *entrevista* aos sujeitos participantes, “recolhendo dados mais de natureza qualitativa que quantitativa, eminentemente descritivos” (Sousa, 2005, p.128). Segundo Fontana & Frey (1994), “entrevistar é uma das formas mais comuns e poderosas de tentar compreender outros seres humanos” (p. 361). É um excelente recurso para alcançar uma variedade de explicações e interpretações que as pessoas possuem sobre o mesmo facto.

Para se obterem conclusões sobre o estudo em causa, tem de existir uma interação verbal entre dois sujeitos, o entrevistado, que proporciona as respostas e o entrevistador, a partir da seriação e interpretação, solicitando assim a informação.

Assim foram realizadas entrevistas exploratórias semiestruturadas a cinco profissionais de educação, quatro professores do 1º Ciclo e um Coordenador Pedagógico, com o objetivo de perceber o trabalho educativo realizado com os seus alunos e com os seus colegas.

Relativamente à entrevista, estas foram realizadas no final do terceiro período e recolhidas de forma escrita. Foram todas devolvidas, com todas as questões respondidas.

As questões que fizeram parte do guião de entrevistas exploratórias semiestruturadas foram as seguintes:

1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?
4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?

3.4 - Tratamento dos Dados Recolhidos

Foi realizada uma análise das cinco entrevistas com o objetivo de analisar todos os dados recolhidos.

O tratamento dos dados recolhidos requereu a utilização de técnicas que sejam instrumentos de uma clara e rigorosa exposição e interpretação dos mesmos. Bogdan & Biklen (1994) referem que,

a análise de dados é um processo de organização e pesquisa organizada de transcrições de entrevistas e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão sobre os mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (p.205)

Toda a análise de dados pressupõe a sua análise de conteúdo. Segundo Quivy & Campenhoudt (1992),

em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e reflexão, que servirão de materiais de análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos. (p.195)

Para uma melhor compreensão dos dados estes necessitam ser transcritos, analisados e interpretados. Com esse objetivo, foram organizados num quadro síntese onde constam os segmentos das entrevistas agrupados por unidades de significado e unidades de significado interpretadas.

Através das entrevistas realizadas, foi exequível para esta investigação dar respostas aos objetivos definidos.

Como categoria de análise neste Relatório optei por definir o guião de entrevista e de seguida realizar todas as análises.

O capítulo que se segue corresponde ao resultado e análise dos dados recolhidos.

Capítulo IV – *ACOLHER*- Análise e Interpretação dos Dados

“Se temos de esperar, que seja para colher a semente boa que lançamos hoje no solo da vida”.
(Antoine de Saint-Exupéry)

Segundo Bogdan e Biklen (1994),

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmo materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.(p.205)

Neste sentido, são apresentadas as entrevistas dos sujeitos. Os sujeitos das entrevistas são os quatro docentes do grupo de trabalho do 1º ano e o Coordenador Pedagógico. Por questões de proteção de dados os entrevistados são designados por sujeitos.

No decorrer do capítulo realizei várias leituras dos discursos dos sujeitos, procurando selecionar excertos importantes de cada entrevista. De seguida é feita uma tabela, onde é retirado o que observei de mais significativo, tendo colocado numa coluna as questões da entrevista e noutra as evidências. Concluindo assim, com uma análise de cada uma das entrevistas

Sujeito I

1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?

No nosso quotidiano, deparamo-nos constantemente com diferentes estímulos, desafios e exigências que nos levam a uma utilização interdisciplinar de todos os nossos conhecimentos. Neste sentido, considero que a articulação curricular **vem favorecer as aprendizagens significativas**, na medida em que **promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter interdisciplinar.**

2. *Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?*

A minha prática pedagógica tem **partido sempre dos interesses e vivências dos alunos de modo a proporcionar um maior envolvimento, dos mesmos, na construção dos seus saberes. É favorecida a interdisciplinaridade de forma a motivar os alunos e a conceder-lhes uma visão mais alargada sobre os conteúdos que estão a aprender.**

3. *Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?*

Na minha opinião, a aprendizagem assenta na interação que desenvolvemos uns com os outros. O trabalho colaborativo implica essa interação, **proporcionando a partilha de ideias, estratégias, experiências e propostas na procura de soluções e resultados para determinadas situações.**

4. *As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?*

Sim.

5. *Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?*

Na minha opinião, o trabalho cooperativo proporciona a construção coletiva de saberes e de conhecimentos. **Permite uma maior socialização e interação entre os alunos de forma colaborativa, reflexiva e crítica na troca de ideias e de opiniões, dando-lhes uma maior autonomia e capacidade de aquisição de conhecimentos.**

Quadro II - Sujeito I

<u>Questões</u>	<u>Evidências</u>
1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?	“vem favorecer as aprendizagens significativas”; ”promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter interdisciplinar”.
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?	“partido sempre dos interesses e vivências dos alunos de modo a proporcionar um maior envolvimento, dos mesmos, na construção dos seus saberes. É favorecida a interdisciplinaridade de forma a motivar os alunos e a conceder-lhes uma visão mais alargada sobre os conteúdos que estão a aprender”.
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?	“proporcionando a partilha de ideias, estratégias, experiências e propostas na procura de soluções e resultados para determinadas situações”.
4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?	“Sim”.
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?	“Permite uma maior socialização e interação entre os alunos de forma colaborativa, reflexiva e crítica na troca de ideias e de opiniões, dando-lhes uma maior autonomia e capacidade de aquisição de conhecimentos”.

Análise:

O sujeito considera que a articulação curricular favorece aprendizagens significativas, pois promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter interdisciplinar.

Refere que a pratica pedagógica parte dos interesses das crianças e das suas vivências, proporcionando maior envolvimento na construção dos saberes. De forma a motivar os alunos e a terem uma visão mais aprofundada do que estão a aprender é usada a interdisciplinaridade. Menciona que o trabalho colaborativo proporciona a partilha de ideias, estratégias, experiências e propostas na procura de soluções e resultados para determinadas situações.

As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes.

Entende que o trabalho cooperativo permite uma maior socialização e interação entre os alunos, existindo troca de ideias e opiniões de forma colaborativa, proporcionando maior autonomia e aquisição de conhecimentos.

Sujeito 2

1. *Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?*

Na minha opinião, **as aprendizagens são mais significativas, quando os alunos se sentem envolvidos no trabalho desenvolvido.** Desta forma, **havendo uma articulação curricular simultânea com um trabalho envolto em “temas” do seu interesse, especialmente se forem parte integrante do seu quotidiano, mais fácil e consistente será a aprendizagem.**

2. *Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?*

A minha prática pedagógica é **organizada de uma forma sequencial, de modo a dinamizar a articulação curricular e evidenciar o trabalho cooperativo e participativo dos alunos.**

3. *Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?*

A partilha de experiências e de ideias conduz ao enriquecimento pessoal e profissional de todos os intervenientes, bem como a um maior desenvolvimento de competências no processo de ensino e, conseqüentemente, no de aprendizagem.

4. *As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?*

Sim.

5. *Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?*

O trabalho cooperativo apresenta muitas vantagens no que diz respeito ao desenvolvimento dos alunos, quer cognitivo quer na sua autonomia.

O facto de trabalharem em equipa oferece aos alunos a possibilidade de aprenderem saberes uns com os outros e, ao mesmo tempo, construir o seu próprio conhecimento, tornarem-se reflexivos e, conseqüentemente, autónomos, de forma gradual.

Quadro III - Sujeito II

<u>Questões</u>	<u>Evidências</u>
1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?	“as aprendizagens são mais significativas, quando os alunos se sentem envolvidos no trabalho desenvolvido”; “havendo uma articulação curricular simultânea com um trabalho envolto em “temas” do seu interesse especialmente se forem parte integrante do seu quotidiano, mais fácil e consistente será a aprendizagem.”
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?	“é organizada de uma forma sequencial, de modo a dinamizar a articulação curricular e evidenciar o trabalho cooperativo e participativo dos alunos.”
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?	“A partilha de experiências e de ideias conduz ao enriquecimento pessoal e profissional de todos os intervenientes, bem como a um maior desenvolvimento de competências no processo de ensino e, conseqüentemente, no de aprendizagem.”
4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em	“Sim.”

parceria com outros docentes do seu grupo?	
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?	“O facto de trabalharem em equipa oferece aos alunos a possibilidade de aprenderem saberes uns com os outros” ;” construir o seu próprio conhecimento, tornarem-se reflexivos e, conseqüentemente, autónomos, de forma gradual.”

Análise:

Para o sujeito, as aprendizagens são mais significativas, quando os alunos se envolvem no trabalho, havendo uma articulação curricular ao redor dos seus, interesses do seu quotidiano mais fácil e sólida será a aprendizagem.

A sua prática pedagógica é organizada de uma forma sequencial, de maneira a promover a articulação curricular e evidenciar o trabalho cooperativo e participativo dos alunos.

Acredita que através da partilha de experiências e de ideias conduz ao enriquecimento pessoal e profissional de todos, possuindo assim maior desenvolvimento de competências no processo de ensino e, conseqüentemente, no de aprendizagem.

As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes.

Refere que, existindo trabalho em equipa, os alunos têm possibilidade de aprenderem uns com os outros de se tornarem pessoas reflexivas, autónomas, ao construir o seu próprio conhecimento.

Sujeito 3

1- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?

Promover a articulação curricular **é importante, pois favorece aprendizagens significativas, quer por razões de melhor acesso ao conhecimento cognitivo, quer por razões de relação entre esse conhecimento e questões sociais e familiares dos alunos.** A discussão realizada conduz à conclusão de que **os projetos curriculares devem ter como ponto de partida o que**

é próximo e familiar aos alunos a quem se destinam e seguir um conjunto de procedimentos democraticamente contratualizados em contratos didáticos. Palavras-chave: articulação curricular, projetos curriculares, aprendizagem.

2- *Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?*

A minha prática pedagógica **rege-se por Metodologia de Projeto e Aprendizagem Cooperativa.**

3- *Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?*

O trabalho colaborativo permite aumentar a autoconfiança dos elementos envolvidos nesse tipo de trabalho, sendo assim um processo tanto emocional como intelectual eficaz. Além de possibilitar o apoio mútuo característico das relações informais estabelece, simultaneamente, de forma mais formal, responsabilidades e papéis, que não podem ser deixados ao acaso. **o trabalho colaborativo nas escolas, contribui, igualmente, para a melhoria da própria escola e da sua capacidade para encarar os problemas que sempre vão surgindo,** principalmente num mundo de paradoxos, como aquele em que vivemos atualmente. **Torna-se mais fácil ultrapassar incertezas com a união e a responsabilização de todos, valorizando as diferentes vozes e as diferentes perspetivas que o todo traz para a resolução das dificuldades que vão ocorrendo.**

4- *As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?*

Sim.

5- *Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?*

O desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças. Estas competências facilitam a aquisição de novos conhecimentos e tornam-se essenciais no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Nesta metodologia as crianças são os atores principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender.

Quadro IV - Sujeito III

Questões	Evidências
1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?	“é importante, pois favorece aprendizagens significativas, quer por razões de melhor acesso ao conhecimento cognitivo, quer por razões de relação entre esse conhecimento e questões sociais e familiares dos alunos.” ; os projetos curriculares devem ter como ponto de partida o que é próximo e familiar aos alunos”
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?	“rege-se por Metodologia de Projeto e Aprendizagem Cooperativa.
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?	“O trabalho colaborativo permite aumentar a autoconfiança dos elementos envolvidos” ;” o trabalho colaborativo nas escolas, contribui, igualmente, para a melhoria da própria escola e da sua capacidade para encarar os problemas que sempre vão surgindo”; “Torna-se mais fácil ultrapassar incertezas com a união e a responsabilização de todos, valorizando as diferentes vozes e as diferentes perspetivas que o todo traz para a resolução das dificuldades que vão ocorrendo.”

4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?	“Sim.”
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?	“O desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças”; “facilitam a aquisição de novos conhecimentos e tornam-se essenciais no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Nesta metodologia as crianças são os atores principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender.”

Análise:

O sujeito refere que a articulação curricular é importante, pois favorece aprendizagens significativas, quer por conhecimento cognitivo, quer por relações entre esse conhecimento e questões sociais e familiares dos alunos. Menciona, ainda, que os projetos curriculares devem ter como ponto de partida o que é próximo e familiar aos alunos.

O trabalho que desenvolve em sala de aula é regido pela Metodologia de Projeto e Aprendizagem Cooperativa.

Acredita que o trabalho colaborativo permite aumentar a autoconfiança dos elementos envolvidos e que uma melhoria da escola é importante que exista, pela capacidade para encarar os problemas que surgem. torna as coisas mais fáceis se houver união e responsabilidade de todos para a resolução de problemas que aconteçam.

As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes. No seu entender, o desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças, facilitando assim a aquisição de novos conhecimentos para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Refere que nesta metodologia as crianças são os atores

principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender.

Sujeito 4

1- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?

Uma vez que, no dia a dia, o conhecimento não está espartilhado, **se houver articulação curricular partindo de interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, as aprendizagens serão mais significativas e melhor consolidadas**

2- Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?

Na minha prática **tento fazer um diagnóstico prévio dos conhecimentos e competências que os alunos trazem, para em articulação com os currículos das várias áreas disciplinares organizar as atividades numa sequência crescente em termos de complexidade e integração de aprendizagens.**

3- Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?

A necessidade que o trabalho colaborativo encerra, em si próprio, de ouvir o outro, de refletir em conjunto, de partilhar conclusões e ideias, permite uma maior integração e consolidação das aprendizagens.

4- As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?

Sim.

5- *Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?*

O trabalho cooperativo desenvolve competências de interação social que sem dúvida promovem a autonomia. Em relação ao desenvolvimento cognitivo também é desenvolvido, pela partilha de saberes com os pares e pela reflexão necessária.

Quadro V- Sujeito IV

<u>Questões</u>	<u>Evidências</u>
1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?	“se houver articulação curricular partindo de interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, as aprendizagens serão mais significativas e melhor consolidadas.”
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?	“tento fazer um diagnóstico prévio dos conhecimentos e competências que os alunos trazem, para em articulação com os currículos das várias áreas disciplinares organizar as atividades numa sequência crescente em termos de complexidade e integração de aprendizagens.”
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?	“A necessidade que o trabalho colaborativo encerra, em si próprio, de ouvir o outro, de refletir em conjunto, de partilhar conclusões e ideias, permite uma maior integração e consolidação das aprendizagens.”
4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?	“Sim.”
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?	“O trabalho cooperativo desenvolve competências de interação social que sem dúvida promovem a autonomia. Em relação ao desenvolvimento cognitivo também é desenvolvido, pela partilha de saberes com os pares e pela reflexão necessária.

Análise:

O sujeito revela que existindo uma articulação curricular, partindo de interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, as aprendizagens serão mais significativas e melhor consolidadas.

Entende que na sua prática pedagógica tenta fazer um diagnóstico prévio dos conhecimentos e competências que os alunos trazem para, em articulação com os currículos das várias áreas disciplinares, organizar as atividades numa sequência crescente em termos de complexidade e integração de aprendizagens.

Refere como necessidade que o trabalho cooperativo encerra, em si próprio: ouvir o outro, refletir em conjunto, partilhar conclusões e ideias, permitindo uma maior integração e consolidação das aprendizagens.

As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes.

Assume que o trabalho cooperativo desenvolve competências de interação social que promovem a autonomia e que em relação ao desenvolvimento cognitivo também é desenvolvido, pela partilha de saberes com os pares e pela reflexão necessária.

Sujeito 5

1- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?

A articulação curricular é importante uma vez que os professores não devem trabalhar isoladamente e as aprendizagens também, sendo assim mais fácil as crianças mobilizarem todos os conhecimentos.

2- Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem visto a prática pedagógica?

A planificação do currículo é sempre feita numa perspetiva de trabalho colaborativo e trabalho cooperativo, procurando sempre uma lógica de interdisciplinaridade. Desta

forma no mesmo período de tempo um conteúdo trabalhado é abordado nas diversas disciplinas.

3- Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?

No 1º ciclo o trabalho colaborativo é essencial uma vez que é através da partilha de ideias e estratégias que se desenvolve uma melhor aprendizagem, se quisermos que os alunos realizem trabalho colaborativo e cooperativo e grupos devem ser os professores os primeiros a fazê-lo.

4- As planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?

Ainda não são feitas da forma desejável . Deviam reunir-se e discutir os conteúdos a trabalhar e estratégias. O professor segue uma planificação e vai articulando de forma informal.

5- Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?

Sem duvida nenhuma. Hoje aprende-se fazendo e não ouvindo.

Quadro VI - Sujeito V

<u>Questões</u>	<u>Evidências</u>
1. Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?	“é importante uma vez que os professores não devem trabalhar isoladamente e as aprendizagens também, sendo assim mais fácil as crianças mobilizarem todos os conhecimentos.“
2. Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma	“A planificação do currículo é sempre feita numa perspetiva de trabalho colaborativo e trabalho cooperativo, procurando sempre uma lógica de interdisciplinaridade. Desta forma no

organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?	mesmo período de tempo um conteúdo trabalhado é abordado nas diversas disciplinas.“
3. Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem?	“No 1º ciclo o trabalho colaborativo é essencial uma vez que é através da partilha de ideias e estratégias que se desenvolve uma melhor aprendizagem, se quisermos que os alunos realizem trabalho colaborativo e cooperativo e grupos devem ser os professores os primeiros a fazê-lo.”
4. As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo?	“Ainda não são feitas da forma desejável . Deviam reunir-se e discutir os conteúdos a trabalhar e estratégias. O professor segue uma planificação e vai articulando de forma informal.”
5. Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?	“Hoje aprende-se fazendo e não ouvindo.”

Análise:

Para o sujeito é importante que as crianças mobilizem todos os conhecimentos através da articulação curricular. Os professores devem assim trabalhar em parceria, possuindo assim aprendizagens mais favorecedoras.

Refere que a planificação do currículo tem de ir ao encontro de um trabalho interdisciplinar, concebida numa perspetiva de trabalho colaborativo e trabalho cooperativo. Através de um conteúdo planificado esse deve ser abordado nas diversas disciplinas.

Entende que no 1º Ciclo o trabalho colaborativo é essencial, pois é através da partilha de ideias e estratégias que se desenvolve uma melhor aprendizagem. Refere também que os professores devem ser os primeiros a dar o exemplo, para que os alunos realizem o trabalho colaborativo e cooperativo.

Salienta que as planificações ainda não são feitas da forma desejável, pois o professor segue uma planificação e vai articulando de forma informal e seria mais viável reunirem-se e discutir os conteúdos a trabalhar e estratégias.

Conclui que se aprende mais a fazer, do que apenas a ouvir.

• *Convergências, Divergências e Idiossincrasias nos Discursos*

Neste período de investigação surgiram as primeiras generalidades, expondo os aspetos mais comuns de todos os sujeitos. Foi conseguido a generalidade pela articulação das relações das estruturas entre si.

Logo, a mudança do acontecimento individual para o geral deu-se em direção à estrutura do fenómeno.

Toda a estrutura final foi consequente das convergências, divergências e das idiossincrasias (individualidade) de cada discurso por parte dos sujeitos.

Foram elaborados quadros de análise, para simplificar a observação dos dados encontrados e uma melhor compreensão dos dados encontrados.

Foram elaborados os seguintes quadros:

1. Quadro de Convergências: as evidências dos sujeitos foram estruturadas em linhas horizontais, compondo-se em vinte e seis evidências numeradas.

Foram numeradas as temáticas resultantes em colunas verticais, consequentes da confluência das evidências, formando cinco temáticas.

- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas?
- Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica?
- Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem.

- As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo.
- Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia?

2. Quadro de Confluências Temáticas e Categorias Abertas: partindo-se dos discursos para as temáticas e das temáticas para as categorias abertas, atribui-se ao movimento em dois níveis de convergências.

Quadro VII – Convergências

Confluências Temáticas: 1- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas; 2- Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica; 3- Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem; 4- As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo; 5- Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia.

EVIDÊNCIAS DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS				
	1	2	3	4	5
1. Considera que a articulação curricular favorece aprendizagens significativas, pois promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter interdisciplinar. (I-1)	X			X	
2. Refere que a pratica pedagógica parte dos interesses das crianças e das suas vivências, proporcionando maior envolvimento na construção dos saberes. De forma a motivar os alunos e a terem uma visão mais aprofundada do que estão a aprender é usada a interdisciplinaridade. (I-2)		X		X	

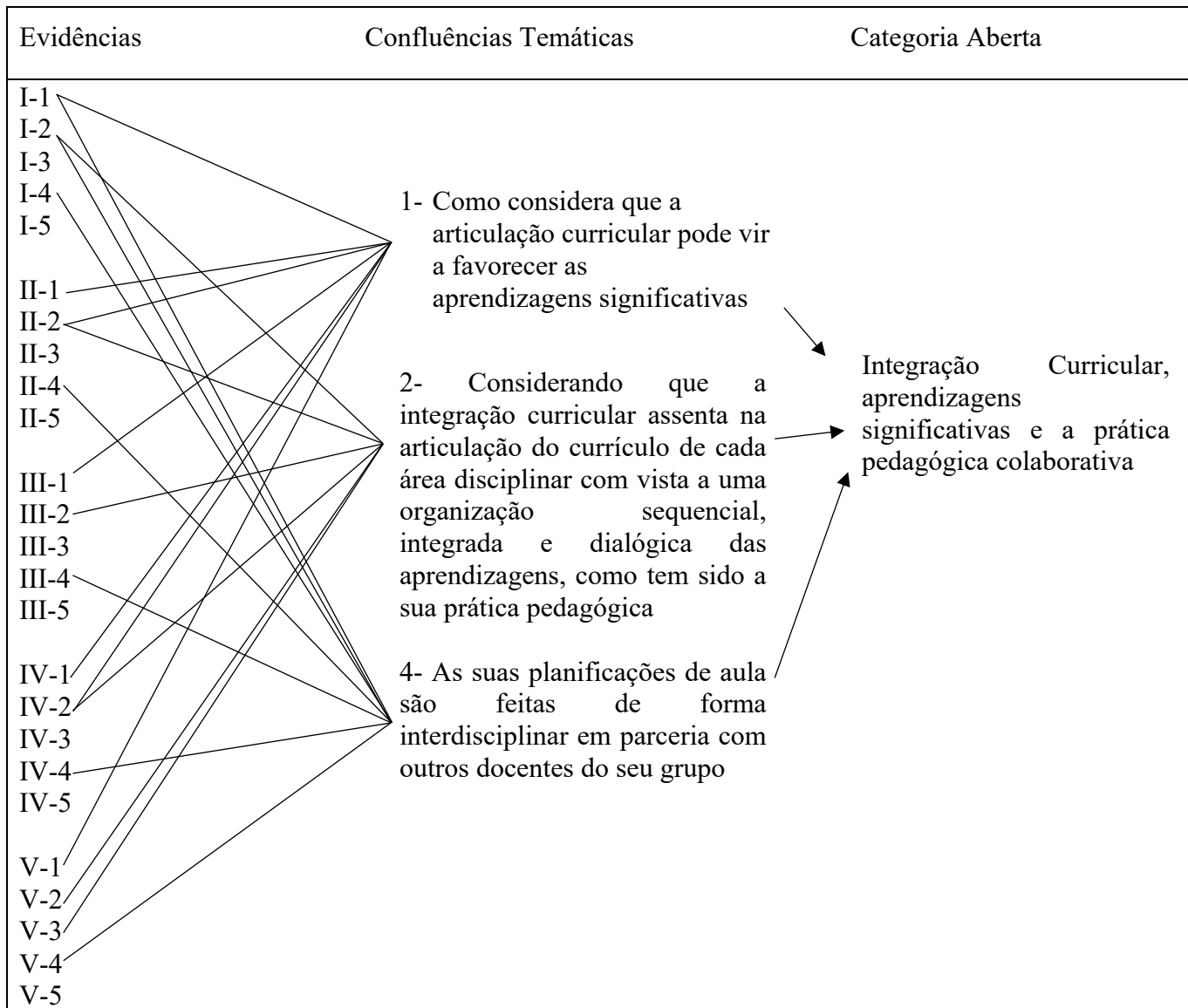
3. Menciona o trabalho colaborativo proporciona a partilha de ideias, estratégias, experiências e propostas na procura de soluções e resultados para determinadas situações. (I-3)			X		
4. Indica que as planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes. (I-4)				X	
5. Entende que o trabalho cooperativo permite uma maior socialização e interação entre os alunos, existindo troca de ideias e opiniões de forma colaborativa, proporcionando maior autonomia e aquisição de conhecimentos. (I-5)			X		X
6. Revela que as aprendizagens são mais significativas, quando os alunos se envolvem no trabalho, havendo uma articulação curricular ao redor dos seus interesses do quotidiano mais fácil e sólida será a aprendizagem. (II-1)	X		X		
7. Menciona que a sua prática pedagógica é organizada de uma forma sequencial, de maneira a promover a articulação curricular e evidenciar o trabalho cooperativo e participativo dos alunos. (II-2)	X	X			X
8. Acredita que através da partilha de experiências e de ideias conduz ao enriquecimento pessoal e profissional de todos, possuindo assim maior desenvolvimento de competências no processo de ensino e, conseqüentemente, no de aprendizagem. (II-3)			X		
9. As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes. (II-4)				X	
10. Refere que, existindo trabalho em equipa, os alunos tem possibilidade de aprenderem uns com os outros e a tornarem-se pessoas reflexivas,					X

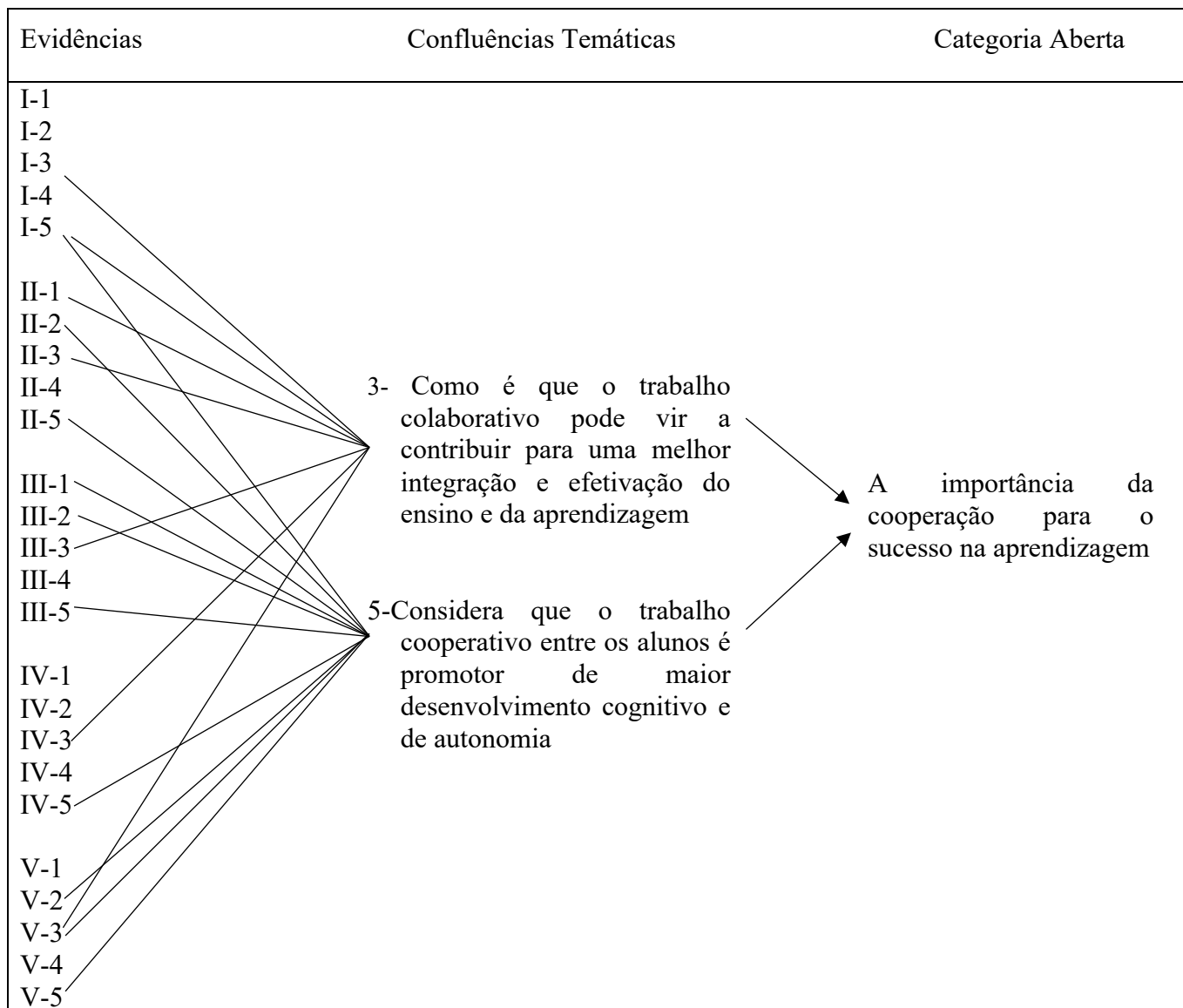
autónomos, ao construírem o seu próprio conhecimento. (II-5)					
11. Refere que a articulação curricular é importante pois favorece aprendizagens significativas, quer por conhecimento cognitivo, quer por relações entre esse conhecimento e questões sociais e familiares dos alunos. é de salientar também que o sujeito menciona que os projetos curriculares devem ter como ponto de partida o que é próximo e familiar aos alunos. (III-1)	X				X
12.O docente rege-se por Metodologia de Projeto e Aprendizagem Cooperativa. (III-2)		X			X
13. Acredita que o trabalho colaborativo permite aumentar a autoconfiança dos elementos envolvidos e que uma melhoria da escola é importante que exista, pela capacidade para encarar os problemas que surgem. torna as coisas mais fáceis se houver união e responsabilidade de todos para a resolução de problemas que aconteçam. (III-3)			X		
14. As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes. (III-4)				X	
15. A seu entender, o desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças, facilitando assim a aquisição de novos conhecimentos para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Refere que nesta metodologia as crianças são os atores principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender. (III-5)					X

16. Revela que existindo uma articulação curricular partindo de interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, as aprendizagens serão mais significativas e melhor consolidadas. (IV-1)	X				
17. Entende que na sua prática pedagógica tenta fazer um diagnóstico prévio dos conhecimentos e competências que os alunos trazem, para em articulação com os currículos das várias áreas disciplinares organizar as atividades numa sequência crescente em termos de complexidade e integração de aprendizagens. (IV-2)	X	X			
18. Refere como necessidade que o trabalho colaborativo encerra, em si próprio, de ouvir o outro, de refletir em conjunto, de partilhar conclusões e ideias, permitindo uma maior integração e consolidação das aprendizagens. (IV-3)			X		
19. As planificações são realizadas de forma interdisciplinar com os outros docentes. (IV-4)				X	
20. Assume que o trabalho cooperativo desenvolve competências de interação social que promovem a autonomia e que em relação ao desenvolvimento cognitivo também é desenvolvido, pela partilha de saberes com os pares e pela reflexão necessária. (IV-5)					X
22. Para o sujeito é importante a articulação curricular, uma vez que os professores não devem trabalhar isoladamente e as aprendizagens também, sendo assim mais fácil as crianças mobilizarem todos os conhecimentos. (V-1)	X				
23. Entende que a planificação do currículo é sempre feita numa perspetiva de trabalho colaborativo e trabalho cooperativo, procurando sempre uma lógica de interdisciplinaridade. Assim no mesmo período de tempo um conteúdo		X			X

trabalhado é abordado nas diversas disciplinas.(V-2)					
24. Refere que no 1ºciclo o trabalho colaborativo é essencial, pois é através da partilha de ideias e estratégias que se desenvolve uma melhor aprendizagem, se quisermos que os alunos realizem trabalho colaborativo e cooperativo e grupos devem ser os professores os primeiros a fazê-lo. (V-3)		X	X		X
25. Salieta que as planificações ainda não são feitas da forma desejável . Deviam reunir-se e discutir os conteúdos a trabalhar e estratégias. O professor segue uma planificação e vai articulando de forma informal. (V-4)				X	
26. Conclui que se aprende mais a fazer, do que a ouvir só .(V-5)					X

Quadro VIII - Confluências Temáticas e Categorias Abertas





• *Interpretando as Categorias Abertas*

Esta interpretação é desenvolvida através de um trabalho rigoroso e prudente. É a consequência de uma junção de ideias individuais com ligação ao meu objeto de estudo, dos meus sujeitos e autores.

Não tenciono que os dados compreendidos permitam a universalidade, mas sim um conjunto específico de generalidades que pertençam à estrutura geral do fenómeno.

Desempenhei assim um papel cuidadoso em cada etapa metodológica de forma rigorosa, para que o fenômeno ficasse compreensível.

Percorrendo esta trajetória alcancei duas Categorias Abertas:

I- Integração Curricular, aprendizagens significativas e a prática pedagógica colaborativa;

II- A importância da cooperação para o sucesso na aprendizagem.

Seguidamente, apresento a interpretação dos discursos dos meus sujeitos, organizando assim o meu discurso, recorrendo a autores que fundamentam a pesquisa, como a outros que foram importantes.

Quadro IX- Categorias Abertas e Confluências Temáticas

<p>I – A Integração Curricular, aprendizagens significativas e a prática pedagógica colaborativa</p> <p>1- Como considera que a articulação curricular pode vir a favorecer as aprendizagens significativas</p> <p>2 - Considerando que a integração curricular assenta na articulação do currículo de cada área disciplinar com vista a uma organização sequencial, integrada e dialógica das aprendizagens, como tem sido a sua prática pedagógica</p> <p>4 - As suas planificações de aula são feitas de forma interdisciplinar em parceria com outros docentes do seu grupo</p>
<p>II- A importância da cooperação para o sucesso na aprendizagem</p> <p>3- Como é que o trabalho colaborativo pode vir a contribuir para uma melhor integração e efetivação do ensino e da aprendizagem</p> <p>5- Considera que o trabalho cooperativo entre os alunos é promotor de maior desenvolvimento cognitivo e de autonomia</p>

I – Integração Curricular, Aprendizagens Significativas e a Prática Pedagógica Colaborativa

Na integração curricular destaca-se a importância do conhecimento, da natureza global e complexa da realidade, para justificar as abordagens articuladas e multidimensionais dos saberes. Assim, para promover um ensino, de melhor qualidade, aprendizagens multifacetadas e significativas, é importante a parceria de conteúdos até aí disciplinares, como forma de proporcionar aos alunos uma melhor aprendizagem.

Para (Alonso, Ferreira, Santos, Rodrigues, & Mendes, 1994) a organização das aprendizagens sustentada na articulação dos saberes é indispensável, pois a determinação de relações entre as diferentes áreas curriculares oferece “aos alunos a descoberta e a tomada de consciência de que não existem espaços isolados e de que tudo se inter-relaciona” (p. 60). Os mesmos autores referem também que a articulação possibilita trabalhar “numa perspetiva globalizadora e integradora do saber e da experiência” (Alonso et al. 2001, p. 28).

Apresento assim o teor dos discursos dos sujeitos desta pesquisa, que se manifestaram relativamente a integração curricular e a promoção de aprendizagens significativas da seguinte forma:

“Considera que a articulação curricular favorece aprendizagens significativas, pois promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter interdisciplinar.”
(S. I- 1)

Por exemplo, Roldão (1999), defende a interdisciplinaridade como uma forma de organizar e integrar os saberes das diferentes disciplinas e áreas disciplinares com o intuito de seguir “a formação dos cidadãos para a sociedade do conhecimento, onde a alfabetização científica é uma necessidade crescente para a compreensão da complexidade do real” (p.47).

Observemos os discursos:

“a pratica pedagógica parte dos interesses das crianças e das suas vivências, proporcionando maior envolvimento na construção dos saberes. De forma a motivar os alunos e a terem uma visão mais aprofundada do que estão a aprender é usada a interdisciplinaridade. (S.I-2)”

“a planificação do currículo é sempre feita numa perspetiva de trabalho colaborativo e trabalho cooperativo, procurando sempre uma lógica de

interdisciplinaridade. Assim no mesmo período de tempo um conteúdo trabalhado é abordado nas diversas disciplinas.”(S.V-2)

Para Antunes (2007), a base da aprendizagem significativa deve “partir daquilo que o aluno sabe para chegar ao domínio do que ele precisa saber, privilegiando, é claro, a dimensão integral, social e coletiva do desenvolvimento comunicativo alcançado” (p.81).

Segundo Santos (2008)

O nosso principal papel como professores, na promoção de uma aprendizagem significativa, é desafiar os conceitos já aprendidos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes, tornando-se assim mais inclusivos com relação a novos conceitos. Quanto mais elaborado e enriquecido é um conceito, maior possibilidade ele tem de servir de parâmetro para a construção de novos. (p.66)

Observemos os discursos:

“as aprendizagens são mais significativas, quando os alunos se envolvem no trabalho, havendo uma articulação curricular ao redor dos seus interesses do cotidiano mais fácil e sólida será a aprendizagem.” (S.II - 1)

“existindo uma articulação curricular partindo de interesses dos alunos e dos seus conhecimentos prévios, as aprendizagens serão mais significativas e melhor consolidadas.” (S.IV-1)

Antunes (2003) menciona que “a aprendizagem da criança será tanto mais significativa quanto mais relação (como sentido) for capaz de estabelecer entre o que já conhece e o novo conteúdo que for apresentado como objeto da aprendizagem” (p.42).

É de realçar que para uma aprendizagem acontecer, ela deve ter significado, relacionando-se com vivências pessoais e experiências anteriores dos alunos, permitindo a revelação de problemas de uma forma desafiante.

Observemos os discursos:

“a articulação curricular é importante pois favorece aprendizagens significativas, quer por conhecimento cognitivo, quer por relações entre esse conhecimento e questões sociais e familiares dos alunos.”(S.III-1)

“a prática pedagógica é organizada de uma forma sequencial, de maneira a promover a articulação curricular.” (S.II-2)

Lopes & Silva (2009), menciona,

Para que o conhecimento seja significativo, é necessário o processo de interpretação pessoal que exclui a hipótese de passividade na aprendizagem. Deste modo, sendo um processo de construção pessoal, cada aluno é a parte responsável pela sua própria aprendizagem. (p.37)

A aprendizagem para o aluno tem de ser algo que lhe faça sentido, caracterizando-se assim pela interação entre novos conhecimentos e o conhecimento prévio.

Observemos o discurso:

“tento fazer um diagnóstico prévio dos conhecimentos e competências que os alunos trazem, para em articulação com os currículos das várias áreas disciplinares organizar as atividades numa sequência crescente em termos de complexidade e integração de aprendizagens.” (S. IV-2)

Assim, o conhecimento prévio é adquirido através de ideias prévias que foram armazenadas trazendo os conhecimentos e informações de como pensam.

Analisando que a escola deve trabalhar o conhecimento prévio e ir ao encontro das experiências dos alunos, preservando as características próprias destas, a família deve contribuir para todo este processo, assumindo responsabilidades, educando e trabalhando em conjunto com a escola.

Observemos o discurso:

“é importante a articulação curricular, uma vez que os professores não devem trabalhar isoladamente e as aprendizagens também, sendo assim mais fácil as crianças mobilizarem todos os conhecimentos.” (S.V-1)

Cabe então ao professor, adequar, diversificar, articular e flexibilizar o currículo de modo a que aprendizagem solicitada aconteça e seja significativa, ou seja, que faça sentido para quem a integra.

Em suma, e conforme os sujeitos, é importante desenvolver nos alunos competências, para se tornarem indivíduos ativos, integrados e interventivos nos problemas da sociedade. É

necessário assim proporcionar formação e meios para poderem entender, participar e modificar o mundo. Os alunos devem-se envolver no trabalho, tornando-se numa aprendizagem mais significativa.

II- A importância da Cooperação para o Sucesso na Aprendizagem

Para enfrentar os desafios da sociedade atual e ajudar a transformar os problemas em soluções, o trabalho colaborativo apresenta-se como um ponto de partida para a melhoria da escola.

Todos beneficiam com a realização do trabalho, pois tem algo a dar e receber, deste trabalho em conjunto. Segundo Boavida & Ponte (2002), “a realização de um trabalho em conjunto, a colaboração, requer uma maior dose de partilha e interação do que a simples realização conjunta de diversas operações” (p.4).

O trabalho colaborativo de uma cultura de colaboração é a forma de trabalho predominante, entre professores “constitui uma estratégia de desenvolvimento profissional, conduzindo-os a uma maior disponibilidade para fazerem experiências e para correrem riscos” (Hargreaves, 1998, p. 209).

Os alunos, como os professores, têm papéis distintos e indispensáveis a desempenhar. Os alunos são o centro da aprendizagem e adquirir competências que os permitam aprender, discutir, participar, socializar, interagir e cooperar e por outro lado os professores deverão planear, preparar a sala de aula, as atividades e principalmente reforçar competências necessárias para os alunos. Conforme Dewey referido em Lopes e Silva (2009) é “indispensável que o ensino assentasse nos interesses reais da sociedade” (p. 9).

Apresento assim, o conteúdo dos discursos dos sujeitos desta pesquisa, que se manifestam relativamente à importância da cooperação para o sucesso na aprendizagem:

“o desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças, facilitando assim a aquisição de novos conhecimentos para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Nesta metodologia as crianças são os atores

principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender.” (S.III-5)

Lopes e Silva (2009) afirmam que:

A aprendizagem cooperativa é mais do que um simples trabalho de grupo. Quando as crianças trabalham em grupo de maneira tradicional é possível que interajam, enquanto em grupo cooperativo, as atividades propostas são concebidas de modo a que a participação de cada um seja necessária para realizar a tarefa pedida. (p.6)

Assim sendo, os sujeitos da pesquisa consideram:

“O trabalho cooperativo permite uma maior socialização e interação entre os alunos, existindo troca de ideias e opiniões de forma colaborativa, proporcionando maior autonomia e aquisição de conhecimentos.” (S.I-5)

“existindo trabalho em equipa, os alunos têm possibilidade de aprenderem uns com os outros e a tornarem-se pessoas reflexivas, autónomos, ao construírem o seu próprio conhecimento.” (S.II-5)

“o desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem cooperativa constitui uma metodologia favorecedora da promoção de atitudes e competências cooperativas nas crianças, facilitando assim a aquisição de novos conhecimentos para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Refere que nesta metodologia as crianças são os atores principais na construção dos seus conhecimentos, na exploração de novos conteúdos, culminando numa nova atitude perante o ato de aprender.” (S.III-5)

É necessário confiar no outro, valorizar as experiências e saberes e compreender que é possível ir mais longe que sozinho. Para que todos enriqueçam e mudem pelo encontro colaborativo implica, ter a simplicidade de valorização do nosso próprio conhecimento e da nossa experiência.

Vygotsky (2013) salienta a importância da colaboração/cooperação no processo de aprendizagem ao defender que o processo de aprendizagem diz respeito à construção do conhecimento que resulta das interações sociais e culturais do indivíduo.

Observemos os discursos:

“no 1º ciclo o trabalho colaborativo é essencial, pois é através da partilha de ideias e estratégias que se desenvolve uma melhor aprendizagem, se quisermos que os alunos realizem trabalho colaborativo e cooperativo e grupos devem ser os professores os primeiros a fazê-lo.” (S. V-3)

“o trabalho colaborativo permite aumentar a autoconfiança dos elementos envolvidos e que uma melhoria da escola é importante que exista, pela capacidade para encarar os problemas que surgem. torna as coisas mais fáceis se houver união e responsabilidade de todos para a resolução de problemas que aconteçam.” (S.III-3)

Segundo Alarcão (1996),

Nesse espírito, o professor deixa para trás o individualismo que o tem caracterizado e assume-se como parte ativa do todo coletivo. Ao fazê-lo, enquadra-se num processo de formação em contexto profissional, aprende na partilha e no confronto com os outros, qualifica-se para o trabalho, no trabalho e pelo trabalho. (p.18)

Observemos o discurso:

“o trabalho colaborativo encerra, em si próprio, de ouvir o outro, de refletir em conjunto, de partilhar conclusões e ideias, permitindo uma maior integração e consolidação das aprendizagens. (S.IV-3)

A colaboração proporciona aos docentes trabalhar aspetos relevantes para si próprios, experimentar novas estratégias/propostas, partilhar experiências com os outros, enriquecendo assim a prática de cada docente. Assim, é importante confiar nos outros para partilhar as nossas opiniões/conhecimentos e necessário confiarmos em nós próprios.

Em suma, e conforme demonstram os sujeitos, a aprendizagem cooperativa privilegia o sucesso educativo não só coletivo, mas também individual, existindo trabalho em equipa, promovendo assim a colaboração uns com os outros.

As crianças são os principais autores de todas as aprendizagens no ato de aprender e o trabalho colaborativo permite uma maior integração de conteúdos e uma partilha de conhecimentos entre todos, preparando-a para a vida em sociedade

A CHEGAR - Considerações Finais

“É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”
(Antoine de Saint-Exupéry)

Este Relatório Final é fruto de um trabalho árduo, tanto de observação, investigação e aprofundamento teórico.

Foi assim, através da observação que emergiu a problemática investigada, partindo de um pressuposto empírico decorrente das preocupações manifestadas pelos docentes do grupo de trabalho onde estava inserida.

Posto isto, este trabalho visou *compreender e identificar como, em contexto de sala de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico, se constrói uma ação pedagógica diferenciada conducente à promoção de aprendizagens significativas*, partindo de duas questões orientadoras:

1. Como a integração curricular pode favorecer as aprendizagens significativas?
2. Como o trabalho colaborativo contribui para uma melhor integração destas aprendizagens?

Durante este processo é de salientar os contributos que trouxe para a minha vida enquanto profissional.

Nesta investigação desenvolveu-se um conhecimento pessoal e profissional que como refere Alarcão (1996), “é na interação entre o conhecimento teórico e o conhecimento da prática que se constrói o conhecimento profissional” (p.156).

É necessário conhecer e dar a conhecer as minhas aprendizagens, as minhas atitudes e práticas, para assim se refletir num conhecimento pessoal, tal como através do conhecimento profissional. Deve-se ter um papel ativo, orientador, promotor de tarefas, promovendo deste modo aprendizagens significativas.

Toda esta investigação desenvolveu-se em torno de uma pergunta/problema essencial que para mim, enquanto investigadora, foi clara, pertinente e precisa, permitindo encontrar respostas válidas para o problema.

Deste modo, procuro de seguida responder às questões norteadoras desta investigação:

- ***Como a integração curricular pode favorecer as aprendizagens significativas?***

Atualmente, para atender às características dos alunos e às indicações do currículo é solicitado que o professor faça uma gestão mais flexível no currículo, que permita aos alunos adquirirem saberes de forma mais significativa e acessível.

Como refere Beane (2002)

a integração curricular procura a organização do currículo e do conhecimento de forma a torná-los mais acessíveis e significativos para os alunos, ajudando-os a entenderem-se a si próprios e ao mundo que os rodeia “. Este mesmo autor compreende a integração curricular como uma pedagogia de elevada competência, fundamentando que os alunos “devem possuir uma oportunidade de usar os recursos da escola para aprofundarem o seu entendimento de si mesmos e do respectivo mundo, em termos das suas vidas presentes. (p. 76)

Cabe ao educador/professor gerir o currículo, proporcionando aos alunos os meios necessários para que estes desenvolvam conhecimentos e competências que os tornem pessoas ativas, críticas e reflexivas, capazes de se integrarem na sociedade de hoje, cada vez mais exigente.

Contudo, falar em integração curricular não implica relativizar ou diminuir a importância das áreas disciplinares/científicas, implica sim “colocá-las ao serviço da compreensão da realidade e da intervenção sobre a mesma para a transformar, através da mobilização interrelacionada e em espiral dos saberes face a situações ou problemas significativos” (SREF/DREF, 2011, p. 11) pretendendo assim que “estimulem uma apropriação integrada do conhecimento, permitam atribuir um sentido e significado pessoal aos conteúdos, para poderem agir adequadamente e para continuarem a aprender» (SREF/DREF, 2011, p. 33) – promovendo a importância e o significado das aprendizagens referidas.

A integração curricular “preocupa-se com o aumento de oportunidades de integração pessoal e social através da organização de um currículo à volta de questões significativas reconhecidas de forma colaborativa entre alunos e professores” (Beane, 2002, p. 30).

Para que docente favoreça um ambiente de aprendizagem mais estruturado e coeso tem de trabalhar segundo as orientações articulatórias, proporcionado aos alunos aprendizagens marcantes e significativas, através da integração de saberes. É necessário que os alunos aprendam, compreendam, relacionem e construam aprendizagens para aplicarem futuramente e crescer na sociedade.

Na sequência das entrevistas ao grupo de sujeitos, pode-se verificar que estes revelam que existindo uma articulação curricular, partindo dos interesses e dos conhecimentos dos alunos as aprendizagens serão mais significativas, de modo a proporcionar um maior envolvimento, dos mesmos, na construção dos seus conhecimentos. Assim sendo, se fizerem parte integrante do seu quotidiano mais fácil e consistente será a aprendizagem.

Ao refletir sobre as práticas de ensino, a aprendizagem tem de ter unidade de significado, estar ligada ao quotidiano, só assim pode ajudar a evitar o abandono escolar, a desmotivação e a oposição que existe com a escola. O aluno não deve receber informações prontas e com um único objetivo: reproduzir na íntegra, uma vez que se torna necessário que esteja motivado para a aprendizagem, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Assim sendo, o docente deve conduzir o aluno a compreender o que realmente faz sentido à criança, que esta se aplique de corpo e alma, de forma a tornar uma aprendizagem mais rica e de ir ao encontro com as necessidades do aluno.

Segundo Azevedo (2018) através de uma abordagem multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, os docentes podem adotar estratégias baseadas em planificações direcionadas para a integração curricular, podem ser utilizadas de modo mais sistemático e potenciar as aprendizagens aos alunos. (p.1)

Em suma, é essencial perceber que existe uma apropriação da informação para que haja aprendizagem significativa que produza conhecimento. Para Moran (2008), “ensinar e aprender hoje pode transformar-se num estímulo desafiante, que nos realiza pessoalmente e profissionalmente” (p.9).

E nesta linha de pensamento, importa assim responder à próxima questão, que envolve esta última análise, referente à contribuição do trabalho colaborativo para uma melhor integração de aprendizagens.

- ***Como o trabalho colaborativo contribui para uma melhor integração destas aprendizagens?***

O trabalho colaborativo ao estabelecer numa cultura de colaboração favorece o desenvolvimento profissional de cada um.

Lima (2002) menciona que existe colaboração quando “cada individuo participa com a sua parte num empreendimento comum, cujo resultado beneficia todas as pessoas envolvidas” e em que “a responsabilidade pelo processo é partilhada e as decisões críticas são tomadas conjuntamente” (p.46).

Deste modo é importante que os docentes decidam em conjunto os métodos e as formas como irão trabalhar o currículo um currículo nacional, “o que requer a colaboração na planificação das aulas, a realização de docência em conjunto, o estudo inter-grupos das estratégias e sua eficácia, a observação mútua e a inter-supervisão crítica entre os professores, a colegialidade nas decisões, a prestação de contas colectivas e individual pelos processos de trabalho e pelos resultados obtidos.” (Roldão 2007, p.29)

O trabalho colaborativo permite alcançar com mais sucesso as potencialidades de todos os intervenientes, de modo a existir um envolvimento no conhecimento construído por cada um, resultante da interação de todos.

Roldão (2007) salienta que o trabalho colaborativo “estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos em colaboração” (p.27).

Esta autora destaca que, para que subsista um trabalho colaborativo, os docentes tem que determinar um plano estratégico e criar uma finalidade que conduza as suas tarefas e organizar todos os mecanismos para que, permitam:

- (i) Alcançar com mais sucesso o que se pretende (as aprendizagens pretendidas);
- (ii) Ativar, o mais possível, as diferentes potencialidades de todos os participantes (...) de modo a envolvê-los e a garantir que a atividade produtiva não se limita a alguns;
- (iii) Ampliar o conhecimento construído por cada um, pela introdução de elementos resultantes da interação com todos os outros. (p.27)

Na sequência das entrevistas, concluo que este grupo de sujeitos, considera que o trabalho colaborativo é uma reflexão em conjunto, de partilhar, integrar e consolidar aprendizagens. Sendo essencial a partilha de ideias e estratégias para se desenvolver uma melhor aprendizagem. Cabe aos professores fazê-lo primeiro, dando o exemplo.

Segundo Hargreaves, Earl & Ryan (2001), o recurso, talvez mais importante do trabalho colaborativo, é o facto de contribuir para a aprendizagem de todos os envolvidos, pois em conjunto encara-se um problema como um obstáculo, estas aprendizagens “são importantes para aumentar a consciência e atribuir os professores de capacidades, para que sejam mais eficazes com os seus estudantes” (p. 209).

Tendo em conta os pontos de vista de cada um, o trabalho colaborativo é essencial para melhorias de práticas letivas, de forma a compreender e a resolver as dificuldades, exigindo partilha de conhecimento e de responsabilidades.

Neste sentido os sujeitos referem que o facto de trabalharem em equipa, para além de construírem o seu próprio conhecimento, possibilita aos alunos aprenderem uns com os outros.

Trindade (2002) é da opinião que “Não se coopera para, ou por, cooperar. Cooperar-se para se ampliar as possibilidades de sucesso face a uma determinada tarefa.” (p.39)

Tendo em conta os pontos de vista de cada um, o trabalho colaborativo é essencial para melhorias de práticas letivas, de forma a compreender e a resolver as dificuldades, exigindo partilha de conhecimento e de responsabilidades.

Também Ponte & Serrazina (2003) defendem que,

Hoje em dia, é impensável concretizar uma tarefa ou um projeto com o mínimo de complexidade, sem recorrer aos esforços conjugados de toda uma equipa. Na verdade, a colaboração é uma estratégia de grande utilidade para enfrentar problemas ou

dificuldades, em especial aqueles que não se afigurem fáceis ou viáveis de resolver de modo puramente individual como os que surgem no campo profissional. (p.4)

Deste modo, um trabalho em colaboração não envolve apenas uma aprendizagem relativamente a um problema em questão. Envolve, também, uma autoaprendizagem e uma aprendizagem acerca das relações humanas.

Após o termo das respostas às questões norteadoras considero que necessito estar em constante evolução e melhoramento, de modo a aperfeiçoar as necessidades e exigências da sociedade.

Em suma, creio que todo este processo investigativo permitiu aprofundar conhecimentos, designadamente sobre este tema, partilhando com os outros na busca de novos saberes e perspectivas relevantes para a minha futura prática docente, consistindo um marco importante na construção da minha identidade profissional e pessoal.

Segundo Alarcão & Tavares (2007)

(...) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (...) Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (p.8)

É de realçar que para uma aprendizagem acontecer, ela deve ter significado, relacionando-se com vivências pessoais e experiências anteriores dos alunos.

Para melhorar o conhecimento do aluno, devem ser trabalhados diferenciados conceitos relacionados com o seu quotidiano, como o ambiente, a história e o conhecimento do mundo, a saúde, os valores, sendo a integração curricular que relaciona a aprendizagem realizada na escola, com a vida real.

Posto isto, a integração curricular tem como ponto de partida uma situação problemática ou um tema motivador, predispondo a vivência do aluno e os seus interesses para a aquisição de novos conhecimentos.

Subsistiram muitas dúvidas e algumas limitações, designadamente a pouca experiência na realização de toda a investigação desta dimensão, acerca de alguns assuntos do tema ou o pouco tempo para o aprofundamento dos dados e tratamento deles.

Concluo assim com a maior gratidão a oportunidade de ser educadora/professora. Uma responsabilidade enorme, uma das profissões mais gratificantes. Pretendo assim ser uma educadora/professora presente na vida das crianças/alunos, com muitas aprendizagens, carinho, segurança, dando sempre o melhor de mim.

Tal como refere Alarcão (2000) “todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor” (p.6).

Um até já a esta profissão!

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (2000). *Escola reflexiva e supervisão - Uma Escola em Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2007). *Supervisão da Prática Pedagógica- uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Albino, M.G. (2009). *A prática interdisciplinar como estratégia de aprendizagem na formação continuada: uma experiência com professores da área das ciências da natureza*. Dissertação de Mestrado. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Alonso, L; Ferreira, F.; Santos, M.; Rodrigues, M. & Mendes, T. (1994). *A construção do Currículo na Escola. Uma Proposta de Desenvolvimento Curricular para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Alonso, L. et al. (2001). *Parecer sobre o Projeto de “Gestão Flexível do Currículo”*. Lisboa: Ministério de Educação/Departamento de Educação Básica.
- Alonso, L. (2002) *Para uma teoria compreensiva sobre integração curricular: O contributo do projeto “PROCUR”*. Revista do GEDEI.
- Amado, L. A. S. (2015). *O proeja e a proposta de integração curricular: dispositivos analisadores da educação*. Trabalho, Educação e Saúde. V. 13, 411-428.
- Antunes, C. (2003). *Glossário para educadores (as)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Antunes, I. (2007). *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill: Lisboa.
- Ausubel, D. P; Novak, J. D. & Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana.

- Ausubel, D. P. (2003). *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspetiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano.
- Azevedo, J. (2018). *Autonomia e flexibilidade: olhemos para a lua e não apenas para o dedo*. O portal dos jesuítas de portugal, 1.
- Beane, J A. (2002). *Integração curricular: a concepção do núcleo da educação democrática*. Lisboa: Plátano Editora.
- Beane, J. (2003). *Integração curricular: a essência de uma escola democrática. Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.2, 91 – 110.
- Benavente, A.; Gather, M. & Perrenoud, P. (1994). *A Escola e a Mudança: Contributos Sociológicos*. Contributos Sociológicos: Escolar Editora.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigacion educativa: Guia práctica*. Barcelona: Ediciones CEAC.
- Boavida, A. M. & Ponte, J. P. (2002). *Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas*. In GTI (Ed.), *refletir e investigar sobre a prática profissional* (p. 43-55). Lisboa: APM.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Branco, J.C., Caldas, A. C. & Roldão, M. C. (2011). *Questões sobre ensino e aprendizagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Candeias, M. I. (2007). *Passo a Passo no Interior do Projeto: um estudo sobre a Inteligência da Escola* (Dissertação de Doutoramento). Braga: Universidade do Minho.
- Canha, M. B. Q. (2013). *Colaboração em Didática -Utopia, Desencanto e Possibilidade* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Aveiro.
- Cohen, A. & Fradique, J. (2018). *Guia De Autonomia e Flexibilidade Curricular*. Lisboa: Raiz Editora.
- Cosme, A. (2018). *Autonomia e Flexibilidade Curricular*. Porto. Porto Editora.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.

- Departamento da Educação Básica. (2004). *Organização curricular e programas: 1º ciclo do ensino básico (4ª ed.)*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Erickson, F. (1989). *Métodos Qualitativos de Investigación sobre la Enseñanza*. Madrid: Ediciones Padiós Ibérica.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. 3ª ed.* Porto: Porto Editora.
- Ferrão, T. C. (2000) *Os Media e a aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Forneiro, L. I. (2005) *Organização dos Espaços na Educação Infantil*. In: Zabalza, M. (Org.) (2005). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, p.229-281.
- Fullan, M. & Hargreaves, A. (2001). *Por que é que vale a pena lutar? O trabalho de equipa na escola*. Porto: Porto Editora.
- Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança: O trabalho e a cultura dos professores na idade*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Hargreaves, A.; Earl, L. & Ryan, J. (2001). *Educação para a mudança – Reinventar a escola para os jovens adolescentes*. Porto: Porto Editora.
- Hébert, M., Goyette, G., e Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kleinke, R. C. M. (2003). *Aprendizagem significativa: uma pedagogia por projetos no processo de alfabetização*. Dissertação: Universidade federal de santa Catarina, Florianópolis.
- Leite, C. (2012). *A articulação curricular como sentido orientador dos projetos curriculares*.
- Lemos, V. V. (1989). *O critério do sucesso*. Lisboa: Texto Editora.
- Lima, J. (2002). *As culturas colaborativas nas escolas*. Porto: Porto Editor
- Lopes, J. e Silva, H. S. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.
- Moran, J. M. (2008). *Aprendizagem significativa*. Entrevista ao Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna.
- Moreira, M. A. (2006). *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Morgado & Martins. F. (2008). *Projeto Curricular: Mudança de práticas ou oportunidade perdida?* Universidade do Minho

- Oliveira, L. & Monteiro, M. (2005) *Gestão Educacional: Novos olhares Novas abordagens*. In: Simão. (2005). Petrópolis: Vozes.
- Pacheco, J.A. (2001). *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto; Porto Editora.
- Papalia, D. et al. (2001). *O Mundo da Criança*. Brasil: McGraw- Hill.
- Piaget, J. (1981) *Problèmes Généraux de la Recherche Interdisciplinaire et Mécanismes Communs*. Paris: Gallimard.
- Pombo, O., Henrique M. Guimarães. M., Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade, Reflexão e Experiência*. Educação hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P., Serrazina, L., Sousa, O., & Fonseca, H. (2003). *Professionals investigate their own practice*. Paper presented at the CERME 3, Bellaria, Italy.
- Quivy & Campenhoudt. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Ribeiro, D. (2000). *A supervisão e o desenvolvimento da profissionalidade*. Porto: Porto Editora
- Ribeiro, D. (2006). *A Investigação-Ação Colaborativa na Formação de Supervisores: um estudo no contexto da Educação de Infância*. (Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho)
- Rogers, R. (2001) *Tornar-se pessoa*. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.
- Roldão, M. (1999). *Os professores e a gestão do currículo: perspetivas e práticas em análise*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Roldão, M.C. (2006). *Trabalho colaborativo: o que fazemos e o que não fazemos nas escolas?* Noesis.ME-DGIDC
- Roldão, M.C. (2007). *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*. Revista Brasileira de Educação v. 12, no 34, 94-103.
- Saint-Exupéry, A. d. (2001). *O Príncipezinho*. Lisboa : Editorial Presença.
- Santos, G, M. A. (2000). *A Escola que Aprende. Cadernos do CRIAP 21*. Porto: Edições ASA.

- Santos, L. (2002). *Auto-avaliação regulada. Porquê, o quê e como? Reorganização curricular do ensino básico. Avaliação das aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação – DEB.
- Santos, J. C. F. (2008). *Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Simão, R. I. P. (2005). *A Relação entre Atividades Extracurriculares e Desempenho Académico, Motivação, Autoconceito e Autoestima dos Alunos*. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA.
- Sousa, A. B. (2005) *Investigação em Educação*, Livros Horizonte- Lisboa
- Sousa, F.; Alonso, L.; Roldão, M. C. (2013). *Integração e Relevância Curricular. In Investigação para um Currículo Relevante*. Coimbra: Almedina.
- SREF/DREF. (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Formação – Direcção Regional da Educação e Formação.
- Torres, L. L. (2006). *Cultura organizacional em contexto escolar. Perspetivas de análise organizacional*. Lisboa: ASA.
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem. Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições ASA.
- Vygotsky, L. S. (2013). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zabalza, M. A. (1998) *Qualidade em Educação Infantil*. Editora Artmed. Porto Alegre.

Anexos